



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

LIVIA DOS REIS SILVA

**ENTRE ELAS E ELES: PAPEIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA
ASSEMBLEIA DE DEUS EM SANTA LUZ (1982-2000)**

Conceição do Coité - BA
2017

LIVIA DOS REIS SILVA

**ENTRE ELAS E ELES: PAPEIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS
NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM SANTA LUZ (1982-2000)**

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em História, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Orientador: Mr. Igor José Trabuco da Silva

Conceição do Coité - BA
2017

LIVIA DOS REIS SILVA

**ENTRE ELAS E ELES: PAPEIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS
NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM SANTA LUZ (1982-2000)**

Monografia defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos
professores:

Prof. Mestre Igor José Trabuco da Silva (Orientador)

Prof. Mestre Kleber José Fonseca Simões

Prof. Mestre Jorge Luiz Nery de Santana

Por Ela e para ela.

A mulher da minha vida

“mainha” Maria Ilda

Agradecimentos

Ao Pai, Filho, Espírito Santo, pelo privilegio de aqui estar, por fazer muito mais do que pedimos e pensamos, pela infinita graça e seu imenso amor (parece pequeno mais nós sabemos a imensidão de coisas e significado que estão nessas palavras). Muito Obrigada!

Na vida não fazemos nada sozinhos. As leituras, a busca pelas fontes, as noites sem dormir e a escrita foram minhas, mas o apoio foi de um conjunto de pessoas, que me emprestaram textos, fizeram um café, fizeram silêncio, fizeram um carinho, suavizaram esse árduo caminho, ouviram minhas dúvidas, leram, opinaram, corrigiram, me emprestaram textos, me concederam entrevistas, possibilitaram o acesso as fontes, me indicaram caminhos. É foi muita gente! A todos vocês meus sinceros agradecimentos! Obrigada!

Família, sou grata a Deus pela vida de cada um de vocês, meu pai Osmar, minha mãe Marilene (Maria Ilda) obrigada por possibilitarem e facilitarem a minha vida. Poderosa chefona Allaedes (fiquei sem palavras, pois a ti devo minha faculdade inteira) minha eterna gratidão. Líbia, Laine, Lizia, Osiel, Rickson, Karina, meus irmãos obrigada pelo apoio, e pelo silêncio. Amo vocês!

Na Universidade temos as dores e a delicia de uma graduação, mas, encontramos pessoas que levaremos conosco para vida toda, são presentes que a vida nos dá, e sou grata por isso, Justino e Gilmara, Naiane, Maria e Larissa, obrigada pelo carinho de vocês. A turma, vocês são os melhores, Obrigada!

Ao meu pastor Jairo Soares, pelo apoio, por ceder as atas, por ser o melhor pastor, pelo exemplo e cuidado com a igreja e com a minha família, minha gratidão. Thalita secretária da igreja, benção de Deus na minha vida, te agradeço por facilitar a minha pesquisa, pela disposição em ajudar. Obrigada!

Aos irmãos e irmãs que entrevistei muito obrigada pela disponibilidade em responder as minhas perguntas, e especialmente a Cícero Pereira. Obrigada!

Minha gratidão ao meu orientador Igor Trabuco que possibilitou a escrita desse trabalho com essa temática, pela orientação, pelo empréstimo de livros, pelas indicações de leituras e caminhos possíveis para o desenvolvimento desse trabalho, pelo incentivo, pela leitura rigorosa, pelo trabalho sério, por responder as minhas

mensagens antes que eu tivesse um colapso, obrigada pela ética profissional, pelo seu discurso de tolerância religiosa condizer com a prática, pelo respeito ao meu trabalho, pelo respeito a minha pessoa enquanto evangélica e historiadora. Os acertos são nossos, as possíveis falhas são minhas. Muito obrigada!

As professoras e professores que contribuíram na trajetória acadêmica para a minha formação, minha gratidão, em especial ao professor Kleber Simões pelas ricas contribuições e empréstimos de texto. Obrigada!

Como pode um pintor ser refém da sua própria obra
Ou quem sabe um escritor prisioneiro em sua história
Quanto tempo eu perdi sem te buscar
Quanta espera o tempo já te fez passar.

Não sei como o inventor do tempo esperou pelo o meu amor
Não sei como o dono do universo teve que pedir meu coração
Que bom que foi assim,
Que bom que me esperou,
Tão bom tu és pra mim

(Música: Inventor do Tempo
Deise Jacinto)

Resumo

O presente trabalho busca compreender os papéis desempenhados dentro da Assembleia de Deus de Santa Luz, analisando as relações tecidas entre homens e mulheres, sendo essas tensas e conflituosas. Destaca-se o proselitismo como responsável por essa difusão assembleiana, trazendo a atuação masculina e feminina e a sua importância para a solidificação, desenvolvimento e crescimento do grupo. Também foi feita discussão de gênero, destacando a participação feminina na construção da história assembleiana, destacando o Círculo de Oração como principal espaço de atuação dessas mulheres e com uma importância fundamental para esse grupo pentecostal. Enfatiza-se também a hierarquia definida pelo ministério masculino. As análises foram feitas através do uso de fontes orais, com entrevistas aos fiéis e uso de documentos da denominação como os livros de atas das reuniões de membros.

PALAVRAS-CHAVES: Pentecostalismo, Dominação masculina, Figura da mulher.

Abstract

The present work seeks to understand the roles played within the congregational Pentecostal group, analyzing the relations between men and women, these relations being tense and conflicting. Thinking about the Pentecostal movement from its arrival and growth in Brazilian soil, highlighting proselytism as responsible for this diffusion, bringing the masculine and feminine performance in the assembly group, and its importance for group solidification and numerical growth and development. As the group's discourse on holiness, and oneness. A gender discussion was also held, highlighting women's participation in the construction of history and its role and definitions of roles for the members of the group, with the hierarchy defined by the male ministry, also addressing the place of conquest and feminine speech, highlighting the Circle of Prayer as the main space and of fundamental importance for the Pentecostal group, especially for women. The analyzes were made through the use of oral sources, interviews with the faithful, and use of denominational documents such as minutes books of member meetings.

Keywords: Pentecostalism, Relationships, Male domination, Female figure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.....	20
1.1 Desenvolvimento da Assembleia de Deus no Brasil.....	21
1.2 Pentecostais em Santaluz.....	23
1.3. Os sujeitos na história: além da (in) visibilidade.....	27
1.4 “Ide por todo mundo” : Proselitismo e crescimento.....	30
1.5 Discurso: “ O corpo de cristo”.....	32
2. “HOMEM E MULHER OS CRIOU”.....	37
2.1 O ser mulher na Assembleia de Deus.....	39
2.2 A coluna da igreja: Círculo de Oração.....	41
2.3 Recatadas e do lar.....	44
2.4 A “cabeça”? Homens assembleianos.....	46
2.5 O poder pentecostal.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
LISTA DE FONTES.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

INTRODUÇÃO

A religião está presente em diversos âmbitos sociais, culturais e políticos, influenciando e sendo influenciada. É, portanto, um campo vasto de investigação. A religião e as formas de religiosidade, como elemento da cultura não pode ser estudado separadamente, mas através da sua relação na sociedade. Dentre as diversas esferas de investigação que abarca os estudos sobre a religião, este presente trabalho objetiva analisar as práticas religiosas e as relações de gênero tecidas entre homens e mulheres que compõem a denominação evangélica Assembleia de Deus no Município de Santaluz, entre o ano de 1982 até o ano 2000.

O recorte temporal foi escolhido, sobretudo, após o período de emancipação da denominação do Campo de Serrinha em 1982, onde houve um crescimento numérico dos seus membros bastante significativo, principalmente pela possibilidade de maior assistência religiosa no cotidiano da denominação pela presença do pastor. Sendo a possibilidade maior de estudo se concentrar nesse período devido às atividades religiosas do grupo ter sido registrada em atas e a denominação ter adquirido mais expressividade dentro do campo religioso luzense, o recorte temporal vai até 2000 para acompanhar a solidificação da denominação e desenvolvimento das atividades do Círculo de Oração.

A Assembleia de Deus é uma denominação cristã de base pentecostal. O pentecostalismo é um fenômeno religioso que surgiu nos Estados Unidos, mais precisamente na Califórnia, na Rua Azusa Street e possuía uma forma de cultuar que se diferenciava de outras práticas cristãs, com um aspecto místico bastante proeminente e tinha como grande demarcador a doutrina do batismo com o Espírito Santo, baseado no Livro de Atos dos Apóstolos (BÍBLIA, 2009, p.1284). “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” tendo como principal evidência a glossolalia, ou seja, falar em outras línguas e a cura divina. (ALENCAR, 2010, FERREIRA, SILVA, 2009, p. 23). Segundo Silva (2009, p.34) a formação pentecostal surgiu em um momento de expectativa de fim de mundo, no fim do século XIX e início do século XX, o que provocou um aumento da religiosidade, pois a religião possui um aspecto de consolo, de conforto social.

No Brasil, o pentecostalismo chegou através de Luis Francescon, um italiano imigrante que morava em Chicago vindo para o Brasil em 1910, fundando a Congregação Cristã do Brasil; e dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que foram os responsáveis pela criação da Assembleia de Deus no Brasil, fundada depois de uma dissidência com os líderes da Igreja Batista, da qual eles faziam parte (OLIVEIRA, 2004, p.30- 37).

As discordâncias entre o líder Batista e os suecos ocorreram principalmente pela nova doutrina ensinada pelos suecos: o batismo no Espírito Santo e a cura divina. Dentro de uma conjuntura em que a sociedade enfrentava os mais diversos problemas sociais e econômicos, onde a marginalização de indivíduos era proeminente, segundo Gedeon Alencar, a Assembleia de Deus tornou-se um espaço para o desenvolvimento de “novas identidades” para os pobres e socialmente marginalizado (ALENCAR, 2010). Atualmente a Assembleia de Deus, pelo seu crescimento e expansão não pode mais ser vista como igreja dos pobres, pois os seus membros são de todas as classes sociais.

A Assembleia de Deus no Brasil, juntamente com Congregação Cristã do Brasil, fazem parte da chamada primeira geração de pentecostais assim classificada por Paul Freston, sendo, pois, uma das denominações mais tradicionais do país:

A primeira onda surge em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, que praticamente atuam sozinhas durante 40 anos no solo brasileiro. A grande expressão do pentecostalismo da época fica a cargo da Assembleia de Deus que se multiplica geograficamente em quase todos os Estados do Brasil, em alguns Estados, inclusive, o protestantismo se reduziu apenas a essa igreja. A segunda onda surge nos anos 1950 e 1960, com a Igreja Quadrangular, Igreja Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor, na zona paulista. A terceira onda começa o final dos anos 1970 e 1980 sua expressão máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus, seguida da Igreja Internacional da Benção de Deus. Essas igrejas tem atualizado o pentecostalismo tanto em termos teológicos litúrgicos éticos e estéticos quanto em termos de sua inserção social (SOUZA, apud 2012, p.27 FRESTON, 1994).

O pentecostalismo teve um significativo crescimento na sociedade brasileira e se desenvolveu em ramificações e diversos grupos dentro da sociedade, tendo como uma das características fundamentais dos pentecostais o caráter proselitista, pois, através da sua evangelização e modos de divulgação, o seu discurso difundiu-se para diversas partes do país, possuía uma linguagem acessível e práticas similares à religiosidade popular. O pentecostalismo tem em sua base e adesão principalmente das classes populares, porém não exclusivamente dessas classes,

possui entre os seus membros dos mais variados níveis sociais (SILVA, 2009, p.56), porém com uma adesão maior pelas classes populares como discutido por Marco Davi de Oliveira que, o pentecostalismo tornou-se uma alternativa bastante significativa para pobres e negros, pois a sua linguagem era acessível para esse público, a sua liturgia possuía características da religiosidade popular, além da solidariedade que foi se desenvolvendo entre os participantes do grupo, principalmente no período inicial da denominação, onde havia diversos problemas sociais no país. Sendo a Assembleia de Deus bastante expressiva na atuação social e no crescimento numérico, possuindo em suas fileiras, aproximadamente 8.418.140 de fiéis no ano 2000, pelo censo do IBGE (OLIVEIRA, 2004, p.103).

O crescimento dos grupos pentecostais é notório, sendo perceptível a presença feminina bastante ativa, assim como suas participações fundamentais para o desenvolvimento dos grupos, através da atuação nas atividades de base, proselitistas e espirituais. Na Assembleia de Deus de Santaluz a presença e atuação feminina foram importantes para o desenvolvimento do grupo, segundo consta nos relatos memorialísticos de Miraldo Sena e Rildo Santos (1996) sobre a denominação, onde é descrita a atuação de Vicência Pereira e através dos relatos orais coletados para essa pesquisa, onde os depoentes descrevem a atuação feminina nas atividades desenvolvidas pela denominação e principalmente no Círculo de Oração.

Apesar da presença marcadamente feminina, a Assembleia de Deus possui a sua base patriarcal e sexista, com definições específicas de acordo com o sexo do fiel, sendo, pois, concedido para os homens os papéis de liderança no topo da hierarquia, através de atuações no ministério e com o direito de comando sobre os seus subordinados, o lugar de “cabeça”. As mulheres têm a sua atuação nos trabalhos de base, elas atuam como professora da Escola Bíblica Dominical, regente de grupo/coral, líderes de departamentos femininos, e dirigentes de cultos destinados ao público feminino, como o Círculo de Oração,

As formas de insubordinações ocorrem principalmente através da atuação feminina nos Círculo de Oração, pois é um espaço de atuação de fala feminina e dirigido especialmente para esse público, mesmo que isso não seja aparente ou colocado em evidência nas relações, porém nesse espaço as mulheres se colocam com mais força no grupo religioso, pois é um grupo apenas de mulheres, sem

direção masculina. Para além do Círculo de Oração a atuação feminina acontece nos bastidores, onde ocorre uma resistência sem afronta direta.

Esse trabalho analisará alguns aspectos das relações estabelecidas entre os fiéis, visto que o estudo de relações é bastante complexo devido os seus diversos aspectos e possibilidades. Atentaremos nos para as relações de poder, dominação, submissão e insubordinação estabelecidas entre os homens e mulheres dentro do grupo pentecostal assembleiano, assim como as formas de sociabilidade desenvolvidas pelas mulheres no Círculo de Oração e a redefinição do seu lugar social como discutido por Maria das Dores Campos Machado, sobre os espaços conquistados pelas mulheres e a conquista da sua independência e de novos espaços.

A conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da autoestima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extras domésticas e as redes de sociabilidade, favorecendo conseqüentemente a individuação feminina. (MACHADO, 2005. p. 389)

A religião é um espaço onde diversos aspectos das relações de gêneros se desenvolvem e são acentuadas, sendo lugar onde são tecidos laços de amizade entre os seus pares. Para as mulheres assembleianas esses espaços são distribuídos de diferentes maneiras: espaço de sociabilidades, de dominação e também de relações de poder.

No Município de Santaluz a denominação chegou em 1946, vinda da cidade de Valente. Segundo dados disponibilizados pela secretaria da instituição, atualmente, ela possui 27 congregações espalhadas por bairros da cidade e diversas localidades na Zona Rural.

Para se pensar sobre as práticas pentecostais, as relações de gênero e as peculiaridades desse grupo religioso, faz se necessário o suporte de alguns dos trabalhos produzidos sobre essa categoria histórica, dentre eles, foi analisado o livro de Emilio Conde (1982) que descreve o surgimento desse grupo religioso, os seus primeiros passos no país e suas raízes no pentecostalismo americano, bem como o perfil dos fundadores Daniel Berg e Gunnar Vingren, os pastores e fundadores membros de destaques da denominação, principalmente os homens, a sua organização e divulgação no Brasil, sua solidificação, crescimento e articulações de modo geral, a organização como instituição, o interesse do grupo na divulgação do nome da instituição, a busca pela diferenciação e legitimação no campo religioso.

O livro de Sueli Ribeiro Mota Souza (2012) tem como objetivo compreender a construção da doença e da cura no pentecostalismo e com principal destaque a atuação das mulheres da Igreja Pentecostal Deus é Amor, com ênfase nas relações estabelecidas entre elas, as suas redes de amizades, solidariedades nos espaços religiosos e fora deles, e o forte poder simbólico relacionado a um maior contato com o divino por diversas mulheres. Esse livro tem uma contribuição de fundamental importância para a pesquisa, pois vem elucidar essas relações entre homens e mulheres nos espaços religiosos pentecostais.

Clari Couto (2001) vem elucidar o comportamento ético e doutrinário do grupo o seu conservadorismo nos seus usos e costumes, suas representações de pecados, sua postura de constante vigilância sobre seus membros, buscando uma distinção na sociedade e características que identifique os fiéis como pertencentes da comunidade religiosa assembleiana.

A monografia de Joziara Araújo Almeida (2013) analisa a influência do grupo pentecostal, no contexto social e cultural, os seus usos e costumes e sua visão de mundo, contemplando não apenas os aspectos religiosos, mas também as vivências e relações sociais e morais, enfatizando a ética comportamental bastante conservadora adotada por esse grupo, que lhe confere característica própria, contribuindo para a criação de identidade.

O artigo de Daiane da Silva Freitas (2010) analisa como a Assembleia de Deus exerce sua crença e ajuda legitimar a identidade dos fiéis por meio dos seus padrões conservadores que resguardam a identidade dessa denominação religiosa, incluindo e excluindo, fazendo distinções entre o sagrado e o profano, e respeitando as suas origens e os padrões de comportamento institucionalizado, criando o estereótipo de cristão ideal. Ajudando a entender o forte tradicionalismo ainda presente nesse grupo religioso e os seus símbolos que lhe conferem um caráter diferenciado.

O livro elaborado por Miraldo Sena e Rildo Santos (1996), constitui um relato memorialístico da história da denominação sobre seus primeiros membros na cidade, suas primeiras atividades como Instituição Religiosa e o desenvolvimento da instituição na sociedade luzense.

O trabalho de Sara Silva dos Anjos Ferreira (2008) “O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana (1940-

1980)”, analisa as relações entre religião e gênero destacando o papel da mulher na denominação e atuação das mulheres no Círculo de Oração.

Esses trabalhos servem de suporte para compreendermos as estruturas das Assembleias de Deus, as suas práticas, normas, discursos e relações tecidas por mulheres e homens no interior do grupo e entre si, em diferentes espaços e perspectivas, sendo possível observar a amplitude das relações.

Assembleia de Deus é o grupo religioso da qual faço parte. Como mulher é perceptível observar dentro da estrutura do grupo as distinções e as relações que são estabelecidas entre os membros, sendo necessária essa análise também através da história, pois, segundo Borges (1993 p. 48) “o conhecimento histórico serve para nos fazer entender, junto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa atuação na história”. Assim, para além do espaço religioso e sagrado, é também um espaço de relações e convivências entre os diversos sujeitos e que devem ser pensados como sujeitos históricos, que possuem uma atuação na sociedade, influenciando e sendo influenciado por ela.

O estudo de religião e gênero como categoria analítica, vem buscando dar visibilidade aos sujeitos históricos e o desenvolvimento da dinâmica das suas relações de poder e definições de papéis. O seu estudo tem avançado cada dia mais, permitindo novas percepções e diversos olhares sobre as relações que tem se desenvolvido entre os homens e mulheres nos mais diversos espaços. Segundo Gomes (2015) o crescimento do estudo de gênero ocorreu a partir das reivindicações dos movimentos feministas na década de 60 no século XX, que reivindicavam o estudo da participação e experiências femininas na história.

Para Torrão Filho (2005), o estudo de gênero é de grande importância, pois o seu estudo enquanto categoria de análise propõe uma transformação dos paradigmas do conhecimento tradicional, possibilitando uma maior compreensão das relações que ocorrem na sociedade. E inserindo novos sujeitos na historiografia possibilitando a visualização da presença feminina na história.

O estudo de religião e gênero segundo Gomes abarca uma multiplicidade de aspectos que são elencados e feitos referência em concordância com Sandro Duarte de Souza:

[...] discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia, é adentrar num complexo de sistemas de trocas simbólicas, jogos de interesse, na dinâmica de oferta e procura; é deparar-se com um sistema sociocultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha a sociedade (GOMES 2015.p.138, apud. SOUZA, 2004).

Para Gomes a religião é parte integrante de vários aspectos, sendo a interferência religiosa presente nas diversas esferas da vida, estando inserida no cotidiano e na vivência da sociedade, sendo um campo complexo, pois interfere diretamente nos elementos culturais, sociais, nas representações, e na forma de ver e se inserir no mundo.

Segundo Bourdieu (2012) a religião evolui com a sociedade, não necessariamente com a economia, mas com a organização, e as novas conceituações do divino, e das forças místicas operantes, e ocorre também devido as transformações sociais, e a necessidade de uma sistematização no trabalho de denominações, com hierarquias que vão se estabelecendo e, com um conjunto de normas que ajudam a classificar os pertencentes e o não pertencentes ao grupo, criando assim classes que não se encaixam nos padrões dessa religião, e disputam espaços no campo religioso, separando o sagrado e o profano.

Pierre Bourdieu discute a religião como uma língua e um veículo simbólico de comunicação, discutindo o espaço delimitado pela religião e destacando as demarcações do campo religioso, e as diferenciações que ocorrem nas disputas dos grupos religiosos em busca da legitimidade. Para ele a religião:

[...] só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura e servirem simultaneamente a função de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção. (BOURDIEU, 2012. p.30)

Deste modo, de acordo com Bourdieu os grupos religiosos só podem se organizar através das diferenciações com grupos que se opõem, com distinções que diferenciam quem é pertencente ou não a determinada comunidade. Dentro do espaço religioso é perceptível as definições e separações dentro do campo religioso, com distinções do catolicismo, religiosidade afro-brasileira, e os Adventistas e Testemunhas de Jeová; sendo uma prática tão presentes nas comunidades cristãs, que procuram diferenciar-se nas práticas e relações uns com os outros na gestão dos bens de salvação.

Apropriamo-nos dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu sobre aspectos da religião, assim como dominação e poder simbólico, onde são discutidos diversos aspectos de dominação e submissão para análise das relações tecidas entre os membros e a influência religiosa na construção dos papéis de gênero. O poder simbólico é defendido por Bourdieu (2007, p.9) como abrangente e invisível, que pode ou não ser percebido “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”, sendo esse poder exercido principalmente pelos líderes possuidores de carisma, que, são os pastores e membros do ministério, legitimados pelos demais membros do grupo, que estão sujeitos a sua autoridade.

Como instrumento e principal ferramenta de investigação serão utilizadas as fontes orais, pois é “essencial a um grupo porque ela está atrelada a construção de sua identidade” (ALBERT, 2004, p.27). E permite o estudo coletivo de sujeitos que tiveram participação e contribuição histórica defendida por Paul Thompson (1992) para as construções de memórias.

O uso da fonte oral será a partir das análises de entrevistas feitas com alguns membros da denominação, para que possamos captar as suas experiências e como foram construídas as relações e vivências do grupo. Para essa pesquisa selecionamos e entrevistamos *Cícero Pereira* que é uma das figuras centrais da pesquisa principalmente por ser um dos primeiros membros da denominação e ter tido uma importante atuação para o desenvolvimento do grupo; *Celicleide Pereira* que atua como dirigente do Círculo de Oração e coordenadora da Tarde da Bênção um culto feito por mulheres; *Nervolange Matos* que possui o cargo de coordenadora das senhoras e é filha de pastor e esposa de *Paulo Cunha* que é diácono na igreja e que também foi entrevistado; *Nelci Lima da Cruz* que é memorialista da cidade; *Gessira da Silva Costa* filha de um dos pioneiros da denominação em Santaluz, Manoel Pereira, e dirigente de Círculo de oração, *Luzenilda Carneiro* dirigente de Círculo de Oração, coordenadora das senhoras e missionária¹.

Foram feitas também a análises dos registros em Livros de atas das reuniões de membros e ministério² dos anos de 1980 até 2000, onde estão às decisões

¹ Nome dado a mulheres que pregam.

² Ministério aqui define-se como a cúpula da igreja, ou seja os homens que são intitulados como pastores, presbíteros e diáconos.

deliberadas pelo ministério e pela membresia, seja em relação a outros membros seja em relação às decisões gerais da igreja, com uma perspectiva crítica como é elucidado por Samara e Tupy (2010) sobre a importância da leitura crítica do documento, observando as palavras e os seus signos e símbolos como um discurso que precisa ser descortinado, atentando para os silêncios, as ausências e os vazios.

Os Livros de Atas são os principais documentos onde é possível observar as relações ao longo dos anos, como a denominação lida com as situações conflituosa, além do discurso oficial do grupo, e as mudanças ocorridas no decorrer do tempo, o cotidiano e usos e costumes, e principalmente a força da hierarquia.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo traz uma análise do contexto histórico de Santaluz, situando o objeto de estudo no seu recorte espacial, destacando a presença da denominação e seu desenvolvimento no campo religioso, assim como a sua formação. Estudamos o perfil dos primeiros membros e sua importância para o crescimento da Assembleia de Deus, e a consolidação do grupo na cidade, assim como o discurso veiculado, e a disputa pela hegemonia do grupo no território.

O segundo capítulo analisa as relações entre homens e mulheres que compõem a denominação, destacando a organização hierárquica dentro do grupo e as definições de papéis. Ressaltando a multiplicidades dos sujeitos e atuação dentro do grupo, com ênfase na atuação feminina no Círculo de Oração e o lugar de mulher assembleiana na construção da identidade. Também é analisada a hierarquia do grupo, definida pelos homens do ministério da igreja.

1. Pentecostalismo assembleiano

Este capítulo visa analisar a presença da Assembleia de Deus em Santaluz, a partir do discurso que é vinculado pelo grupo, sobretudo os discursos de separação do mundo; o crescimento numérico desse grupo religioso na sociedade luzense, com destaque para os primeiros membros que atuaram na construção da denominação, da mesma maneira que as atividades desenvolvidas pelos membros, principalmente as atividades religiosas e sociais.

Segundo Marco Davi de Oliveira, um dos motivos para o crescimento do pentecostalismo foi o caráter missionário, com uma linguagem fácil e acessível para as camadas populares, com os seus discursos e práticas conduzidos inicialmente por pessoas leigas³. Para ele:

A igreja pentecostal, com seu discurso e práticas voltadas para a diminuição da distância entre os líderes e os leigos conduziu a solidariedade que permeava entre os pobres para dentro das práticas das organizações. Os pobres sentiam-se co-participantes da obra de Deus na terra, e não mais aqueles rejeitados que não sabem ler ou escrever. (OLIVEIRA, M. D, 2004 p.48 apud MORIZ p175)

Destarte, o pentecostalismo cresceu de forma significativa no Brasil na primeira metade do século XX, com aberturas de precedentes para participação dos fiéis nas suas atividades dentro dos espaços de cultos e nas evangelizações, pois todo membro era um possível evangelizador, podendo ter dentro dos espaços dos cultos, oportunidades para pregarem ou contarem os seus testemunhos e, através da atuação desses fiéis a denominação cresceu e se espalhou pelo território brasileiro, na qual as mulheres também possui uma importante atuação. Como Oliveira discute:

Desde as origens da denominação, as mulheres têm uma atuação fundamental em termos práticos, já que maior parte dos trabalhos de evangelização e manutenção da igreja são realizados por elas, porém secundário no que se refere as questões institucionais. (OLIVEIRA, R. 2013. p.6)

Deste modo, as mulheres possuem atuação fundamental na comunidade religiosa. Elas são responsáveis por diversos trabalhos realizados pelo grupo e ocupam vários papéis que são reconhecidos como fundamentalmente feminino. As

³ Pessoas que não possuem formação teológica.

principais atividades atribuídas às mulheres são professoras da escola bíblica, regentes, liderança de grupos e corais, porém, a principal, na qual a mulher é revestida de um poder simbólico é a dirigente de Círculo de oração, pois dentro do espaço religioso essas mulheres são conhecidas como mulheres de oração investida dos poderes espiritual pelo contato mais íntimo com o sagrado. Sendo reconhecido pelos fiéis como uma das atividades mais importante.

1.1. Desenvolvimento da Assembleia de Deus no Brasil

O pentecostalismo chegou ao país através de dois missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren em 1910, que foram recebidos em Belém do Pará pela igreja Batista, depois de uma dissidência por causa da doutrina do batismo com o Espírito Santo, separou e fundou a Missão Apostólica, e em 1911 mudaram o nome do grupo para Assembleia de Deus. O grupo cresceu e tornou-se uma das maiores denominações pentecostal do país, agregando sujeitos das diversas culturas nacionais. Em 1930 foi organizada a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil CGADB, que segundo Roiz e Fonseca (2009) foi por iniciativa dos obreiros nacionais do Norte e Nordeste, onde os pastores tomariam as decisões em relação à denominação, que passava adquirir uma autonomia da influência estrangeira na denominação pela presença de missionários de outras nações. Convenção onde foram apresentados os relatórios dos trabalhos missionários, a criação dos seus estatutos, a permanência de unidade da igreja e os rumos que a denominação tomaria.

A igreja possui um sistema oligárquico que se distribui em igrejas-mãe (ou igreja-sede) e suas congregações. Ao conhecer o processo histórico torna-se possível entender algumas características que marcam a Assembleia de Deus. A maior parte da cúpula nacional é formada por nordestinos, geralmente de origem rural, com suas características de igreja oligárquica, caudilhesca e de sistema patriarcal (FREESTON, 1994) derivam do seu processo de origem correspondente aos anos de 1930 a 1960, em que predominava o coronelismo nordestino. (OLIVEIRA. R S, 2013 p.6 apud BANDINI, 2009, p. 227).

Por essas influências a denominação é caracterizada principalmente pelo seu conservadorismo, com rígida moralização, no que se refere às doutrinas nos seus

usos e costumes que fazem parte da sua construção de identidade e de representação. A Assembleia de Deus possui a sua base patriarcal e sexista, com definições específicas de acordo com o sexo do fiel, sendo, pois, concedido para os homens os papéis de lideranças, no topo da hierarquia, no ministério e com o direito de comando sobre os seus subordinados, também possui um caráter bastante conservador em relação à atuação feminina, não sendo permitido a sua participação no mistério da igreja e nem a consagração como pastoras.

Algumas mudanças são perceptíveis dentro do grupo, seja nos usos e costumes, quanto em algumas conquistas femininas, sendo impossível generalizar as práticas e usos das Assembleias de Deus no Brasil, devido as suas multiplicidades e peculiaridades de acordo com a localidade em que esta inserida.

Dentro do grupo religioso ao se analisar as relações de gênero podemos observar a dualidade existente, pois mesmo sendo um espaço de sujeição e submissão o espaço religioso pentecostal também se configura como um espaço para o exercício do poder feminino, onde desfruta e disputa o espaço e os direitos de ser detentora dos bens de salvação e a vivência cotidiana ganha sentido. Segundo Nunes a religião é uma via de mão dupla, pois podem contribuir para a subordinação das mulheres, mas podem influenciar como forças inovadoras, que podem proporcionar mudanças políticas e sociais e culturais, pois a influência religiosa também é vivenciada no cotidiano nas relações de gênero estabelecidas entre membros ou não da denominação (NUNES, 2015, p. 10).

A denominação possui um papel central na vida familiar, principalmente para as mulheres, pois são consideradas como mantenedora da ordem e do bem estar do lar. Para o grupo é necessário que as mulheres sejam submissas ao seu esposo, só podendo transgredir a autoridade para o exercício das suas atividades religiosas, principalmente quando os esposos não são pertencentes ao grupo, sendo responsáveis pela manutenção do casamento, e o sustentáculo do lar. Para o homem ocorre um processo de controle sobre algumas práticas sociais e culturais, pois dentro da denominação o uso de bebidas alcoólicas e práticas de jogos são proibidos, pois, são consideradas como maléficas para a sociedade, assim como atividades fora do âmbito religioso, familiar e profissional, tendo no grupo um controle normativo sobre a vivência familiar.

Dentro do grupo religioso mesmo com as diferenças e o sistema patriarcal bastante forte, as mulheres tem conquistado cada vez mais o seu lugar de fala,

através da sua atuação principalmente nos Círculos de Oração onde mulheres se reúnem para apresentar os seus problemas familiares e oferecem apoio umas as outras, e também são estabelecidas redes de solidariedade, e encorajamento de outras mulheres, para o exercício de atividades dentro do grupo, ou até mesmo fora dele, também são vinculados discursos de questionamento em relação à atuação e consagração de mulheres ao ministério. Nas relações de entrevistas feitas para esse trabalho com dirigentes de Círculo de Oração encontramos na fala a percepção feminina da sua atuação e lugar conquistado dentro do grupo e principalmente das diferenças existentes baseadas no sexo do fiel:

É...tem um pouco de diferença porque tem né? Eles se apegam muito na Bíblia que a mulher tem que ser submissa ao homem a Bíblia fala e a gente não podemos ir de encontro à palavra de Deus, né? Mas, eu acho assim, que a mulher tem que ser mais considerada sim, porque elas têm desempenhado bom sim, se brincar ela desempenha trabalha muito melhor até que certos homens (CELICLEIDE PEREIRA, 14 abr. 2016)

Deste modo, são construídas as relações e conscientização feminina da conquista e busca por de espaços dentro do grupo, pois mesmo que não tenham consciência, há certo empoderamento feminino em relação ao grupo, principalmente nos momentos de exercício de atividades em que as mulheres conquistam o seu lugar de fala e utilizam-se dos bens simbólicos e carisma⁴.

1.2 Pentecostais em Santa luz

O pentecostalismo chegou à Bahia por volta de 1926, na cidade de Canavieiras, através de uma mulher chamada Joaquina de Souza Carvalho e oficialmente em Salvador em 1930, através do missionário Otto Nelson que evangelizou algumas cidades do interior dentre elas a cidade de Valente, uma das primeiras da região sisaleira a chegar o pentecostalismo (COUTO, 2001).

Como resultado das práticas proselitista de pessoas pertencentes ao grupo pentecostal residentes da cidade de Valente houve a conversão de Cícero Pereira e algumas pessoas da sua família, que a partir do seu incentivo também aderiram a essa prática religiosa. Segundo ele:

⁴ O sentido aqui empregado e o defendido por Bourdieu, como um recurso do profeta com vista à conseguir seu interesse religioso em questionar a autoridade e subverter as posições vigentes.

Aceitei Jesus na Assembleia de Deus em Santa luz, não existia crente nenhum, o primeiro crente foi eu, aceitei Jesus e também a família toda acompanhou fez oito pessoas e comecei a dar assistência à igreja e evangelizar em Santaluz, o evangelho pentecostal de forma que o evangelho se estendeu [...] (CÍCERO PEREIRA, 12 out. 2014).

Cícero Pereira foi uma das primeiras pessoas a se tornar membro do grupo religioso, a sua família compõe o grupo de pioneiros da denominação em Santaluz, foi responsável pelo desenvolvimento de diversas estratégias proselitista no município e região, assim como a conversão dos seus irmãos, da sua mãe e da sua esposa.

No município não havia nenhuma outra denominação protestante institucionalmente organizada, porém já havia fiéis da Igreja Batista que realizavam cultos em suas residências e em 1986 que a Igreja Batista se organizou institucionalmente, segundo relato memorialístico existente na instituição, produzido por Atedy Carneiro⁵.

Para pensarmos o desenvolvimento da Assembleia de Deus no município de Santa Luz é necessário investigar o contexto social do município, analisando alguns aspectos da sua construção histórica na qual a denominação se desenvolveu ao longo dos anos, a fim de que as representações e relações construídas dentro dessa sociedade possam ser entendidas.

Santa Luz localiza-se no interior da Bahia a 303,5km de Salvador, fazendo parte da denominada região sisaleira, e atualmente possui uma população estimada em 36.690 segundo o Censo do IBGE 2010.

Nos relatos históricos e orais sobre o município de Santaluz tem como mito de fundação uma fazenda existente neste território de uma viúva portuguesa, com o nome de fazenda Santa Luzia, que foi comprada pela família Lopes em meados de 1880. O desenvolvimento da cidade ocorreu com a passagem da linha férrea da então conhecida Leste, que possibilitou um maior deslocamento populacional e avanço do comércio (CRUZ, 1996 p.22).

Segundo Nelci Lima da Cruz (1996 p.20) em 1889, quando o patriarca da Família Lopes soube da vinda da linha férrea para estas terras, construiu uma casa nas proximidades de onde passaria a linha férrea, casa que mais tarde foi desapropriada pelo governo federal e utilizada como a estação do trem, porém em

⁵ Manuscrito existente na instituição Batista do município de Santa Luz.

seu entorno começava a se desenvolver o comércio. O desenvolvimento da cidade ocorreu em volta dessa linha férrea, através das possibilidades de comércio e avanços que essa proporcionava, pois além do desenvolvimento em relação ao transporte, também houve uma demanda de produtos para a população e as pessoas como os cortadores de lenha que trabalhavam para a empresa Leste.

A feira livre do município foi um dos grandes demarcadores do crescimento da cidade, transformando-se em lugar de trocas e comércio. A primeira feira livre de Santaluz aconteceu em 1890 e o seu alcance era regional (CRUZ, 1996, p.46). A feira livre ocorria no dia de sábado, e era um espaço de sociabilidade, pois era onde a população se reunia para fazer negócios, se encontrar e comercializar as suas produções. A feira de Santaluz recebia população de todo o Município e também de Municípios vizinhos. Segundo os relatos do entrevistado Cícero Pereira, foi na feira livre onde ele conheceu os primeiros ensinos pentecostais, através de evangélicos que vinham do município de Valente para a feira livre existente no município de Santaluz, e, reuniam-se para realizarem cultos e propagarem a sua fé. Segundo ele:

A feira de Valente era feita aqui, eles vinham fazer feira e dormiam aqui, aí se reunia aquele povo, pra conversar pra falar do evangelho uns para com os outros e depois faziam a feira deles e iam embora. Eles ficavam conversando falando do evangelho, que o evangelho era poder de Deus [...] (CÍCERO PEREIRA 14 abr. 2014)

A feira livre além de ser um espaço de comércio também era lugar de comunicação e de vivências de práticas religiosas, e através desse espaço foi divulgada mensagem pentecostal, que se inseriu na sociedade luzense interferindo no seu campo religioso, pois era um lugar de ajuntamento de pessoas onde diversas relações eram estabelecidas.

O Município é de origem católica e tem inicialmente o nome de uma santa da Igreja Católica: Santa Luzia, devido ao do chefe da família Lopes ser muito devoto. O nome da cidade foi mudado porque já havia outra cidade com esse nome, passando então a ser chamada Santaluz. O catolicismo é muito presente nas práticas cotidianas do município, com realizações de festejos e, tendo como símbolo máximo dessa presença religiosa a construção da Igreja Católica que, localiza-se no centro da cidade e faz parte das tradições históricas, assim como em diversos municípios brasileiros, onde o catolicismo é hegemônico.

Deste modo, Santaluz tem em sua gênese um caráter tradicionalmente católico, que é percebido nos mais diversos relatos, onde a Igreja possui uma forte

influência, além disso, é uma cidade interiorana marcada pela atuação dos poderes políticos locais com características patriarcais, oligárquicas e conservadora, onde o homem e chefe de família é a referência máxima, sendo um dos aspectos culturais que permanecem intrínsecos nas relações que se desenvolvem no caráter do pentecostalismo assembleiano luzense.

A construção histórica de Santaluz é marcada pela presença de coronéis e grandes latifundiários como o coronel José Leitão, e a família Lopes, que nos escritos memorialísticos são a todo tempo referenciados como fundadores da cidade, e como os grandes atores do desenvolvimento através da forte atuação política no município, e como os donos da história, porém na composição social e econômica a sua população é composta por trabalhadores do campo, mineradores, os canteiros⁶ e os comerciantes, profissões que também são exercidas por assembleianos.

Devido ao caráter das atividades econômicas desenvolvidas no município observamos um caráter ruralista da população aonde boa parte da economia vinha de atividades desenvolvidas no campo. Dentro do espaço da cidade as atividades que moviam a economia eram: o comércio, e os trabalhos em batedeiras, carregadores de água para as construções e casas, lavadeiras e empregadas domésticas.

A partir da sua inserção e disputa no campo religioso luzense a Assembleia de Deus contribuiu para a construção da identidade social e cultural, auxiliando para o fortalecimento dos valores morais e éticos, relacionados ao conservadorismo que fazem parte da denominação como a maneira de se vestir e a forma de sociabilidade dos grupos pentecostais, modificando as relações sociais vivenciadas pelos homens e mulheres dentro da sociedade, contribuindo para a ressignificação das suas vivências e status dentro da sociedade para os sujeitos que aderiram a essa nova prática religiosa.

O Município possui organizações religiosas bastante diversificadas, com religiões de matrizes africanas, católicas, espíritas, protestantes e pentecostais, porém, nesse trabalho analisaremos a presença da denominação assembleiana, a primeira de caráter pentecostal no Município.

⁶ Como são chamados os trabalhadores das pedreiras.

Os conflitos envolvendo as denominações protestantes ocorrem principalmente através dos discursos e enunciados, pela busca por legitimidade do grupo, através de refutação das práticas religiosas de outro grupo ou seguimento dentro do campo religioso, com conflitos elucidados através e por causa das transições de fiéis de um grupo para outro, na busca pela gestão dos bens de salvação. Segundo o depoimento de Cícero Pereira: “Já havia crente da Igreja Batista em Santaluz, mas os crentes pentecostais explicavam melhor sobre Jesus se era pra eu ser crente tinha que ser crente de verdade” (CÍCERO PEREIRA, 23 dez. 2014).

Podemos observar em seus discursos esse conflito pela legitimidade e gestão dos bens de salvação. Os conflitos ocorriam principalmente no campo simbólico e na disputa pela hegemonia do campo religioso, através da condenação das práticas que se diferiam da que era vinculada por determinado grupo, na concorrência pela gestão dos bens de salvação.

1.3 Os sujeitos na história: Além da in(visibilidade)

O pentecostalismo teve inicialmente em sua base e adesão principalmente às classes populares, para depois alcançar outras camadas sociais. Os primeiros membros pentecostais da Assembleia de Deus em Santaluz eram oriundos das camadas populares, - trabalhadores autônomos e pertencentes ao catolicismo -, como fala a entrevistada Gessira Costa filha de um dos primeiros membros, Manoel Pereira:

[...] não sendo ainda crente ele trabalhava com um padre com o nome Edgar, na época e depois que Cícero ouviu o evangelho e pregou pra ele, ele se converteu e por ser criticado pelos amigos que ele tinha aqui, o padre não ficou gostando, ele achou difícil permanecer crente aqui e mudou-se para Feira de Santana (GESSIRA COSTA, 22 abr.2016).

Os primeiros membros da denominação foram Cícero Pereira, sua mãe Vicência Pereira, Elenita Queiroz, Braulino Pereira da Silva, Manoel Pereira da Silva e Eliza Pereira (SENA; SANTOS 1996). Esses adeptos a nova fé foram fundamentais para a propagação desse novo credo religioso, realizaram diversas atividades para o desenvolvimento da denominação assembleiana. Sendo a atuação feminina muito importante para a instituição, como no depoimento de Gessira sobre a atuação de sua avó Vicência “[...] era ela que tomava conta da igreja, mantinha o

aluguel, recebia os pastores e quem viesse se hospedavam na casa dela...”⁷. Foram as mulheres que ofereceram suporte tanto financeiro como espiritual para o desenvolvimento das atividades, através da pessoa de Vicência Pereira que até pagava o aluguel do espaço para a realização dos cultos e atividades e, também dirigia o Círculo de Oração.

Vicência Pereira era a matriarca da família Pereira, desempenhou o papel bastante ativo na denominação, foi responsável pela implantação e direção do Círculo de Oração em 1954, um dos mais importantes trabalhos realizados pela denominação e atuou durante muitos anos como dirigente.

As primeiras mulheres a aderirem ao pentecostalismo em Santaluz foram Vicência Pereira, Elisa Pereira e Helenita Queiroz. Elisa Pereira foi uma das primeiras mulheres a se converter no município, era filha de Vicência Pereira, porém mudou-se para o estado de São Paulo juntamente com o seu esposo, não tendo assim muita participação nas atividades desempenhada pelo grupo religioso que se instalava. Já Helenita Queiroz era esposa de Cícero Pereira, converteu-se ao pentecostalismo em 1946, porém não há registro de sua atuação no Círculo de Oração, ou qualquer outra atividade do grupo religioso. Portanto, é mais uma mulher silenciada pelas fontes que não considera o trabalho do lar como importante, nem destaca a sua atuação e suporte para o desenvolvimento do ministério do seu esposo.

Na construção histórica da denominação há uma ênfase maior na atuação masculina o que dificulta a construção histórica da participação feminina no desenvolvimento da denominação. Assim como, na história geral das Assembleias de Deus onde os destaques são Daniel Berg e Vingren deixando de lado Frida Vingren e outras mulheres importantes, em Santaluz o destaque é Cícero Pereira, o que caracteriza a denominação como um espaço de criação masculina, mesmo que suas fileiras e bases tenham uma forte atuação e presença feminina, não há uma preocupação em registrar o papel e atuação das mulheres, que contribuíram para o crescimento expansão e consolidação do grupo.

Cícero Pereira foi o pioneiro da Assembleia de Deus no município de Santaluz e algumas cidades vizinhas. Nasceu no dia 08 de dezembro de 1921, em Santaluz, converteu-se ao pentecostalismo no ano de 1946 juntamente com alguns membros

da sua família: sua mãe Vicência Pereira, os seus irmãos Braulino Pereira, Manoel Pereira da Silva e Elísia Pereira, que anteriormente eram pertencentes ao catolicismo. Cícero Pereira era negro, trabalhador braçal, como ajudante de construção, carregador de água, depois de exercer diversas profissões, passou a ser sapateiro.

A trajetória de Cícero Pereira é principalmente marcada pelas atividades de evangelismo realizadas por ele que, juntamente com o seu irmão Manoel Pereira evangelizou diversas localidades rurais do Município de Santaluz e cidades vizinhas como: Queimadas, Riacho da Onça e Cansanção. Dentre as localidades do Município estão: Rua da Palha, Fazenda do Sítio, Gravatá, Calumbí, Novo Horizonte, Ferreiros, Quebradas, Capoeira Grande, e vários povoados nos quais foram implantadas congregações da denominação e ainda hoje existem (CÍCERO PEREIRA, 12 out. 2014).

Devido a sua atuação no evangelismo possui o título de presbítero e atuou como dirigente de algumas congregações, e em 1947 foi dirigente e responsável pela Assembleia de Deus no Município de Cansanção que havia sido implantada por Severino Soares, pastor durante longo período em Feira de Santana. O principal companheiro de Cícero nas evangelizações e viagens foi o seu irmão Manoel Pereira.

Manoel Pereira nasceu em 26 de dezembro de 1927 em Santaluz, era católico e trabalhava com o padre da paróquia de Santaluz. Aos 19 anos se converteu ao pentecostalismo através do seu irmão que tinha recentemente aderido a essa religião. Devido a dificuldades encontradas mudou-se para Feira de Santana onde procurou o pastor da igreja, ele foi incluído nas atividades de evangelismo. Em Feira de Santana Manoel Pereira casou-se com Maria Ferreira. Manoel Pereira foi um dos companheiros de evangelização de Cícero Pereira, foi dirigente de igrejas em algumas cidades como Serrinha, Alagoinhas, Inhambupe, Queimadas e algumas congregações do Município de Santaluz. Chegou a ser consagrado para presbítero (GESSIRA COSTA, 22 abr. 2016).

Braulino Pereira também foi um dos primeiros membros, converteu-se ao pentecostalismo no mesmo período que os seus irmãos e alcançou destaque na sociedade luzense. Dentre os primeiros membros da denominação no Município de Santaluz, Braulino foi o primeiro membro que assumiu uma cadeira no legislativo, foi o primeiro vereador assembleiano com o seu mandato entre os anos de 1966 a

1970. Ele nasceu em Santaluz no dia 26 de novembro em 1933 (SENA; SANTOS 1996).

As mulheres têm invisibilidades pela denominação. São poucos os registros escritos das suas participações, assim como, foram poucas as informações dadas pelos entrevistados, destacando-se apenas a sua participação no Círculo de Oração, porém a sua importância vai além, pois, as suas atuações não foram restritas somente a esse espaço, mas trabalharam nas mais variadas funções possibilitando o crescimento e expansão do grupo.

1.4 “Ide por todo mundo”: Proselitismo e crescimento

A Assembleia de Deus possui um caráter proselitista e possui congregações espalhadas por diversas localidades, bairros, povoados, assentamentos e centro da cidade, com significativo número de fiéis. Nos primórdios houve uma intensa divulgação e atividades a fim de que a denominação se expandisse por meio do empenho dos membros Cícero e Manuel Pereira. O pentecostalismo foi divulgado em diversas localidades rurais e cidades vizinhas, dentre elas Cansanção e Queimadas, segundo relata Cícero Pereira:

[...] nessa época se converteu também a família toda, daí veio da fazenda do Sítio, Gravatá, Rua da Palha [...] de forma que se estendeu o trabalho evangélico foi pra fazenda do Sítio, por aí, Quebradas, Ferreiros e o Pé de Serra, Tapinha foi se estendendo Calumbí. (CÍCERO PEREIRA, 12 out.2014)

No entanto, apesar da conversão do primeiro crente pentecostal ter ocorrido em 1946, à emancipação da igreja, só ocorreu em 1982, deixando de ser congregação do campo de Serrinha. A denominação assembleiana no Município cresceu significativamente a partir da década de 1980, chegando a possuir aproximadamente 407 membros segundo consta na lista de membros. Porém, esse número não é exato devido às mudanças que ocorreram dentro do grupo, como mudanças para outros grupos, afastamento, assim como a falta de registro de todos os membros.

A emancipação da igreja consistia no ganho da autonomia do grupo religioso nas realizações de atividades e também na gestão dos seus bens financeiros, porém permanecia ligada a Convenção Geral das Assembleias de Deus e havia

necessidade de prestar contas através de relatórios para a convenção geral, ficava responsável por igrejas menores tornando-se uma espécie de igreja mãe. A igreja ganhava autonomia para a realização das suas atividades e também fortalecia os trabalhos, a denominação que passava possuir um líder, que era legitimado no campo religioso e referenciado como autoridade máxima e investido de poder simbólico para administrar os trabalhos religiosos e sociais desenvolvidos pelo grupo.

Um aspecto bastante relevante desse crescimento e, que é notório no grupo pentecostal foi o recebimento de diversas cartas de mudanças, que serviram de referências para membros que mudam de cidades ou até mesmo estão a passeio, essas cartas são cartas de apresentação que garantem o recebimento do membro pelo grupo religioso podendo assim participar das atividades desempenhadas pelo grupo e assumir cargos realizar as funções, essas cartas também servem para distinguir a posição do membro dentro da hierarquia eclesiástica, pois elas possuem a especificidade do membro e a sua atuação dentro do grupo do qual o membro faz parte, e são apresentadas nas reuniões de membros como no trecho do registro do Livro de atas de reunião de membros do ano de 1983 “Também foi aceita no rol de membros vindo com a carta de mudança irmã Aledir Moreira” (LIVRO DE ATAS, jul. 1983) sendo esse modelo de apresentação bastante pertinente principalmente para o reconhecimento das pessoas pertencentes ao grupo.

Segundo a lista de membro e a sua data de batismo foi possível perceber o crescimento numérico dos membros assim como se pertencentes ao gênero feminino ou masculino, sendo possível caracterizar a posição feminina e masculina dentro do grupo.

Tabela 01:

ANO	1970	1980	1990	TOTAL
HOMENS	18	39	110	167
MULHERES	14	72	114	200

Fonte: Livro de membros da Assembleia de Deus de Santaluz.

A tabela acima é uma amostra do crescimento numérico a partir da década de 70. Esse crescimento se deu, sobretudo, através das disputas no campo religioso, e após a emancipação do grupo, sendo possível observar através de cartas de mudanças registradas nas atas, um crescimento também devido a um fluxo migratório de pessoas para a cidade de Santaluz, pois essa passava por um período de desenvolvimento e urbanização por causa do desenvolvimento de empresas e mineradoras que movimentavam a economia local.

Esse número ainda é parcial, o número de mulheres provavelmente ainda é bem maior do que os dos homens, porém não há uma preocupação nos seus registros, sendo privilegiados os registros masculinos, visto que as mulheres não possuem espaços na hierarquia e não exercem funções que tenham a mesma visibilidade, ou pela falta de organização da secretaria.

1.5 Discurso: o “corpo de cristo”

O caráter pentecostal da denominação contém um discurso de separação do mundo, a sua legitimidade ocorre devido as suas sanções moralizadoras. Para os pentecostais um fator importante é a divulgação da sua mensagem e dos seus signos, e dentro dessa nova configuração religiosa, a linguagem é acessível e direcionada para o público a qual se deseja alcançar, e a possibilidade dos fiéis leigos transmitirem as suas mensagens e testemunharem são um grande instrumento de sedução, pois são concedidos espaços que são negados socialmente para analfabetos e pessoas que não pertencem a uma classe social abastada, sendo o lugar da fala e lugares de lideranças, onde através do poder simbólico se tornam legítimas a sua atuação. Pois, não é necessária formação escolar, ou nível econômico privilegiado para ter uma atuação ou lugar no ministério da igreja. O lugar da fala, os espaços de liderança, onde através do poder simbólico e carisma se tornam legítimos, principalmente que dentro do grupo todos podem teoricamente alcançar o título de pastor.

Os assembleianos possuem diversas maneiras de alcançar socialmente as pessoas. Existe uma rede de evangelismo tecidas entre as diversas igrejas que são pertencentes a essa denominação, quando o evangelho chega a uma determinada

cidade começam a buscar formas de espalharem por outros lugares, e a sua divulgação pode ser feita por leigos, ou, por detentores do conhecimento institucionalmente reconhecido.

Não tinha crente, o primeiro crente fui eu, os pastores entregaram o trabalho a mim, eles mim procurava, pra fazer o trabalho do Senhor, conforme ele me mandava comecei a ir, quase eu não evangelizava, eu ia pregar, mas eles falavam pra mim, em tal lugar tem um crente, eu ia ensinar, ensinava a Bíblia (CÍCERO PEREIRA, 23 dez.2014).

A participação dos leigos como é perceptível na fala de Cícero sobre a sua atuação, mesmo sem ter nenhuma formação ou preparação para isso, foi fundamental para o desenvolvimento da denominação, assim como a falta de restrições em relação aos locais para serem realizados as atividades religiosas de modo que a denominação se expandiu consideravelmente, e os seus membros passaram a atuar em diversos espaços, como os espaços políticos e sociais.

O pentecostalismo disputava o espaço religioso com o catolicismo hegemônico, junto com outros grupos religiosos e até mesmo entre grupos protestantes presentes na sociedade brasileira, buscava a exclusividade, refutava as práticas do catolicismo e se colocava como detentora dos bens de salvação.

Segundo Montes:

[...] por fim, o novo pentecostalismo inovava ainda, num país majoritariamente católico, do ponto de vista teológico e organizacional: suas igrejas prescindiam da hierarquia sacerdotal e negavam ao catolicismo e seus prelados o monopólio da salvação, agora colocada nas mãos dos próprios fiéis. (MONTES, 2012, p.26)

A prática religiosa assembleiana distinguia-se do catolicismo que até então era a religião hegemônica do Município. O pentecostalismo trouxe uma nova proposta de culto, cada fiel tinha o direito de se expressar, as suas reuniões eram repletas de cânticos e com participação ativa de quem fazia parte do grupo. Os leigos e analfabetos tinham direito de participar das cerimônias, pregar ou relatar o seu testemunho, tornando de uma religião mais próxima dos fiéis, como vemos no relato de entrevistas:

Eu não ia pregar, mas eles falavam pra mim e eu ia em tal lugar tem um crente, eu ia ensinar, ensinando a Bíblia, ai foi passando de igreja[...] não fui homem de chegar na rua e pregar, não fui assim, mas aquele que dizia eu quero um culto eu ia pregar no culto na casa dele (CÍCERO PEREIRA, 14 jan.2015).

Deste modo, a igreja Assembleia de Deus desde o seu surgimento possuía um caráter proselitista, o seu discurso era divulgado de diversas formas, pois era de

interesse dos seus fiéis que a sua mensagem se expandisse e alcançasse o máximo de pessoas possível, para assim expandir “o reino dos céus”. O seu discurso era de separação do mundo, santidade e de uma nova percepção de mundo a partir da conversão. O discurso proselitista é provocador. Na sua forma de abordagem, na disputa pelo campo religioso, pode se tornar intolerante com o outro, com sua religiosidade e escolhas.

A Assembleia de Deus firmou-se na região nordeste, aderindo características da cultura local como afirma Gedeon Alencar “os caciques nordestinos tomaram o poder e imprimiram seu estilo” (ALENCAR, 2010, p. 57), principalmente no modelo de masculinidade. Sendo a Assembleia de Deus a abasileirada, porém possui influência sueca e norte-americana, pois a religião é um campo da cultura que dialoga com o social, com características que são destacadas principalmente nas práticas religiosas, relações de poder e nas questões concernentes ao gênero dentro da denominação. Através do discurso veiculado apresenta um modo de vida peculiar às pessoas pertencentes ao pentecostalismo assembleiano.

A religião é apontada pelos estudos antropológicos e sociológicos, como fundamentalmente produtora de sentido, ordenando o mundo e a existência como totalidade coerente a unitária da vida. (WEBER, 1981; DURHKEIM, 1989 apud SOUZA, 2012, p.17)

Os assembleianos possuem uma visão diferenciada de ver o mundo e os seus membros possuem um perfil distinto da sociedade em geral, pois adotam um conjunto de regras que criam noções de unidade e identidade para o grupo. As diferenças estão atreladas a suas condutas baseadas nas doutrinas e nos usos e costumes da igreja, com normas sobre vestimentas e comportamentos sociais. Buscando se distinguir dos demais membros da sociedade, com rígido discurso de moralização que são apresentados nas práticas comportamentais, nos usos e costumes, como vemos no discurso do pastor em uma reunião de membro de janeiro de 1982, segundo o que é registrado na ata:

Em continuação o pastor foi explicar um trecho lido dizendo que é bom fazemos festa, porém se estivermos com fermento novo, que significa termos uma vida santa não podemos nos associar com pessoas que se dizem crentes, mas a vida não esta em santidade, pois para entrarmos no céu temos que sermos fiéis diante de Deus e da igreja (LIVRO DE ATA, jan. 1982).

No discurso do pastor é divulgada a necessidade de separação do “mundo” em busca pela santidade e não se misturar com pessoas que possam influenciar

práticas que fogem dos padrões do grupo, pois para os assembleianos a separação de mundo, a santidade são pré-requisitos da fidelidade para com o grupo. Esse afastamento também faz parte de um jogo social, e ao longo dos anos vem ocorrendo algumas transformações, como nos discursos e práticas políticas, nos costumes e também no uso de aparelhos eletrônicos.

As reuniões de membros são presididas pelo pastor da igreja que muitas vezes divide o tempo da direção da reunião com algum presbítero da igreja, onde são discutidas e apresentadas as doutrinas da denominação e aplicadas às disciplinas para membros que se desviam do comportamento apresentado como adequado pela liderança da instituição, as disciplinas consistem basicamente na exclusão da convivência do grupo, e afastamento das atividades e da participação de grupos e alguns cultos, não sendo a exclusão imediata, mas depois de um período de observação e diálogo entre os membros⁸.

O maior vinculador do discurso religioso assembleiano é a Escola Bíblica Dominical, adotada como prática semanal pelo grupo acontece principalmente aos domingos pela manhã ou tarde, a denominação possui publicações trimestrais que são as Lições Bíblicas e os ensinamentos são distribuídos em classes de acordo a faixa etária.

Em uma de suas lições intitulada Maturidade Cristã da Casa Publicadora das Assembleias de Deus a CPAD, de jovens e adultos do dia 23 de Junho de 1991, que tratava de um estudo da importância da Bíblia e é reforçado o ensino de unidade e pertencimento do grupo ou igreja como corpo de Cristo onde cada membro possui a sua função.

Três qualidades do corpo podem representar a igreja. A primeira qualidade ou característica é a UNIDADE dos membros do corpo. Todos eles, mesmo que distintos uns dos outros, obedecem a uma só cabeça. A segunda qualidade é a DIVERSIDADE dos membros no mesmo corpo (1 Co 12.14). Cada qual tem o seu valor e função. A Igreja é um corpo em que todos os membros podem ou devem funcionar. A terceira qualidade é a MUTUALIDADE (1 Co 12.20-26). Essa qualidade torna possível o trabalho em comum. Implica em compartilhar do mesmo pão, das mesmas alegrias e tristeza [...] (LIÇÕES BÍBLICA, 1991, p.43)

O discurso é constantemente repetido nas reuniões de membros e cultos administrativos onde são distribuídos os cargos e funções a serem exercidos pelos

⁸ As disciplinas e exclusões ocorrem quase mensalmente segundo registradas nas atas das reuniões de membros.

membros da igreja, e está intrinsecamente ligado à construção de identidade grupal dos assembleianos, nos quais os membros precisam se enquadrar para fazer parte ou continuar a pertencer ao “corpo de cristo”, com os ensinamentos que todas as pessoas do grupo podem efetuar tarefas importantes dentro da comunidade religiosa.

O Círculo de Oração é um espaço de discurso, possui um importante papel na construção de identidades femininas dentro do grupo. As mulheres do Círculo de Oração são mães, donas de casa, responsáveis por manter a ordem familiar, e dividem esse espaço como forma de sociabilidade e apoio uma com as outras nas dificuldades diárias, possuem uma visibilidade maior dentro do grupo, mas também são mais cobradas, seja na sua conduta, vestimenta e comportamento. O discurso que geralmente é vinculado e direcionado para esse público, com formas de consolo e também alternativas para vencerem as dificuldades.

Dentre as formas de discurso, a santidade é um dos atributos desejados e divulgados como essenciais para a vida do cristão. A experiência máxima da manifestação da santidade é o recebimento do Espírito Santo, uma manifestação sagrada na vivência dos pentecostais, que segundo Souza o Espírito Santo é:

O que denominamos do “Espírito Santo” é na verdade, um tipo de manifestação sagrada, considerada no pentecostalismo como o “Espírito de Deus ou Espírito Santo”. No entender dos “crentes”, o Espírito pode habitar no corpo das pessoas que alcançam um certo grau de santidade, protegendo-as das contingências da vida, dos malefícios demoníacos e até da doença. (SOUZA, 2012. p. 76)

A importância da santidade na vida do fiel é ratificada pelo discurso conservador e moralizador das lideranças masculinas apresentado pela Instituição nos seus cultos doutrinários e nas reuniões mensais de membros ou de ministério, onde somente os fiéis batizados podem participar e decidir sobre as questões relacionadas à denominação.

2. “Homem e Mulher os criou”

Este capítulo pretende analisar as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres na Assembleia de Deus, observando a hierarquia masculina e a sua atuação dentro dos espaços religiosos e o papel feminino na denominação, assim como, as formas de estratégias femininas dentro do espaço religioso. O espaço religioso é propício para a atuação entre os gêneros, onde relações são estabelecidas e definidas entre si. Segundo Gomes em referência a Sandra Duarte de Souza, “gênero envolve diferentes relações, relações sociais marcadas pelas diferenças materiais e simbólicas entre feminino e masculino, relações entre mulheres e homens, mas também das mulheres e dos homens entre si” (SOUZA, apud GOMES, 2015, p.139).

As discussões sobre gênero são pautadas nas considerações de Joan Scott em que o gênero é definido como uma maneira de indicar as construções e organizações sociais sobre os papéis de homens e mulheres:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989 p.7).

O estudo da categoria de gênero vem permeado de dificuldades ao longo da história, seja a falta dos debates e representação do gênero feminino na história, seja o considerar homogêneo dos gêneros, com as discussões pautadas na passividade da mulher ou sua rebeldia, porém o que esse trabalho se propõe é trazer os vários aspectos da atuação tanto feminina quanto masculina, a fim de superar na análise histórica uma dicotomia entre vitimização e rebeldia feminina, trazendo uma perspectiva diferente das relações, com o objetivo de contemplar não somente um aspecto, mas analisar as várias facetas desenvolvidas sobre os papéis de gênero e as relações dentro de um contexto religioso.

Interessa-nos, também, pensar as relações de gênero como discutido por Rachel Soihet (1997, p. 278) que as definições e reelaborações ocorrem dentro de um contexto histórico e social particular, evitando reducionismo da multiplicidade dos sujeitos contemplados pela pesquisa, questionando o binarismo defendido pelo

discurso da instituição, onde a mulher é o sujeito passivo, dominado, e o homem o sujeito ativo e dominador.

Sendo também as construções de gênero estabelecidas dentro do espaço religioso. Os espaços religiosos possuem distintas formas de organizações no que concerne as suas divisões interna e distribuições de papéis aos pertencentes às determinadas ordens religiosas. Dentro do grupo religioso assembleiano, as distinções nas atribuições de papéis e funções, são fundamentados pelas Cartas de Paulo na Bíblia Sagrada, que é o principal livro utilizado pela denominação:

Que a mulher aprenda em silencio em total submissão. Não permito que a mulher ensine nem se arrogue autoridade sobre o marido, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que deixou se iludir e sim a mulher que enganada, incorreu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando, a luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação. (BIBLIA, 2009, p.1179). Mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do corpo, é a cabeça da Igreja. E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo a seus maridos. (BIBLIA, 2009, p.1155).

As distinções ocorrem entre os homens e as mulheres. As mulheres são consideradas o “vaso”⁹ mais frágil, ocupando os trabalhos de base e que lhe remetem a sua “vocação” materna. Os papéis de lideranças são atribuídos em sua maioria aos homens da denominação. Os homens ocupam os lugares mais altos da hierarquia religiosa, pois são considerados os “cabeças” e determinados por Deus a assumirem um papel de liderança tanto dentro do espaço religioso quanto nos espaços sociais e familiares, servindo assim para normatizar um modelo social.

A Igreja, enquanto instituição formadora de sentido, simbolismos e opinião, é detentora de poder e possui um papel fundamental na criação e perpetuação de uma normatividade, até mesmo ao nível de identidades de gênero (JANUÁRIO, 2016, p. 10).

Segundo Berger (1985 p.108) “para acumular o conhecimento de papéis específicos uma sociedade deve ser organizada de tal maneira que certos indivíduos possam concentrar-se em suas especificidades” Dentro do grupo assembleiano a distribuição de papéis era ratificada pelo discurso do grupo, repetido sobre o corpo e

⁹ Termo usado no grupo assembleiano, representando pessoa que pode ser usado por Deus.

as suas funções, de forma figurada, como representação de unidade dos membros do corpo para realização de atividade, sendo anunciado principalmente nas reuniões administrativas onde acontecem as divisões de tarefas e cargos que serão atribuídos a cada membro para serem realizadas durante o ano. Os papéis de homens e mulheres são pensados na especificidade a partir da visão e construção de gênero do grupo, como homens como provedores e mulheres maternais voltadas para o trabalho no lar no cuidado com a família.

2.1 O ser mulher na Assembleia de Deus

As mulheres estão presentes no contexto religioso, relacionando-se com o sagrado, tecendo relações sociais entre si e também com outros indivíduos, construindo identidades, modificando e sendo modificada pelo contexto em que está inserida, apropriando-se dos espaços e transformando-o, sendo múltiplas em suas especificidades. Não é possível falar na mulher assembleiana, mas, em mulheres assembleianas, pois são múltiplas, em suas construções identitária, no relacionamento com o sagrado e nas relações sociais e no contexto religioso. Segundo Bandini:

Linda Woodhead propõe uma teoria de gênero e religião, ela sugere que: A participação religiosa das mulheres deve ser entendida em relação à habilidade das religiões em lhes prover um espaço social que não seria disponível para elas de outra maneira. Este ponto de partida tem a vantagem de (a) ser óbvio e (b) tratar as mulheres como agentes racionais ao invés de tratá-las como marionetes do patriarcado. As mulheres podem ocupar estes espaços por várias razões: porque eles proveem um capital social e cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e porque eles permitem às mulheres articularem suas esperanças, medos desejos e convicções morais – entre outras coisas. E estou aberta à discussão dessas variáveis (WOODHEAD apud BANDINI, 2005, p.6).

Destarte, um dos aspectos do pentecostalismo em relação às mulheres é ser uma alternativa da como provedora de espaço para atuação feminina e que contribui na construção de identidades, pois permite a criação de símbolos e práticas que à associe a uma realidade específica, tornando-a pertencente ao grupo religioso, Trazendo um paradoxo entre o lugar feminino defendido pelo patriarcado, a religião

acaba favorecendo uma atuação feminina fora do espaço privado, sendo um espaço e possivelmente um destaque dentro da comunidade que faz parte, garantindo-lhes o lugar de fala e adquirindo poder simbólico que é respeitado e reconhecido como legítimo pelos demais membros da denominação, com um papel que não era desempenhado fora do âmbito religioso e por isso inovador sendo uma alternativa atraente para a formação identitária feminina.

As mulheres compõem uma grande parte das organizações religiosas e ocupam distintas posições, algumas com poder simbólico bastante significativo externalizado através de lideranças no Círculo de Oração outras sem distinção dentro do grupo assembleiano, porém a participação feminina não está restrita a suas funções, mas quem são essas mulheres e a sua atuação dentro do grupo, está atrelada a sua identidade de mulher assembleiana, sendo identidade compreendida como “A identidade refere-se ao conjunto de características que se tornam comum a um grupo de pessoas. Tais características têm como função desenvolver em cada um dos indivíduos o sentimento de que pertence ao grupo” (FILISBINO, 2016, p. 5) com as características no uso das suas indumentárias fazendo-a ser reconhecida como pertencente ao grupo, e até nas práticas comportamentais.

A religião é um espaço que favorece a atuação e participação feminina na sua diversidade, sendo um lugar também de construção identitária, onde as formas de relações e interpretações sociais são distintas. Os perfis femininos são distintos na sociedade, assim como dentro do grupo religioso, influenciando diretamente na sua atuação religiosa e posicionamento dentro do grupo. Dentre os diversos perfis temos: mulheres que possuem trabalhos fora do espaço privado e da esfera doméstica; algumas que possuem um poder simbólico mais significativo dentro do grupo religioso que o seu esposo; e mulheres com o perfil de submissão idealizado pelo grupo. Os papéis ocupados, podem ser simbólicos, como mulheres de oração, na qual os demais membros buscam para orações e aconselhamentos, ou práticos na execução de atividades de manutenção do grupo.

A fiel Nevolange Matos, 52 anos, atua como coordenadora das senhoras, com Ensino Médio completo, esposa do diácono Paulo Cunha que também foi entrevistado; Celicleide Pereira, 44 anos, dirigente do Círculo de Oração e coordenadora da Tarde da Bênção, possui o Magistério completo, o seu esposo não

pertence à hierarquia da igreja; Gessira da Silva Costa 62 anos, dirigente do Círculo de Oração, com o ensino fundamental incompleto, filha dos pioneiros da denominação em Santaluz: Manoel Pereira e Maria Ferreira e esposa do presbítero José Costa; Luzenilda Araújo, 41 anos, possui os cargos de dirigente de Círculo de Oração, coordenadoras das senhoras, recepcionista e pregadora ou missionária, exerce a profissão de Agente Comunitária de Saúde, com Ensino Médio completo é também esposa de pastor.

Ruth de Carvalho, 87 anos, viúva, com o Ensino Fundamental incompleto, exerceu a função dentro da igreja como dirigente de Círculo de Oração, tesoureira e secretária, sua profissão era costureira. Outra entrevistada foi Silene Moreira, o seu esposo não pertence à denominação e as suas funções dentro da igreja são de dirigente de Círculo de Oração e coordenação da Tarde da Bênção, sua escolaridade é o Ensino Médio completo.

2.2 A “Coluna” da igreja: O Círculo de Oração

O Círculo de Oração é uma reunião de oração de mulheres que juntas dividem experiências com o sagrado e fortalecem os laços de solidariedade e sociabilidade, são as mulheres de oração, detentoras de um poder simbólico bastante significativo e respeitado pelos demais integrantes do grupo.

No município de Santaluz o Círculo de Oração teve sua gênese na década de 50, por Vicência Pereira que juntamente com Ruth Carvalho se reuniam para orar uma vez por semana “ia pro Círculo de Oração uma vez por semana e ai foi a união de poucos membros que fez a força, era poucos homens, que estavam trabalhando pra sustentar a família, as mulheres não” (RUTH CARVALHO, 08 nov.2016). Sendo assim, é um trabalho majoritariamente feminino, onde as atividades são de responsabilidade inteiramente feminina, desde a atuação como porteiras até sua atuação como dirigente. Sendo ainda importante destacar que as mulheres também contribuem em casa, sustentam a família, criam os filhos, apesar delas não perceberem isto, pois o trabalho de casa é visto como inferior e irrelevante.

O Círculo de Oração possui a seguinte forma de organização: inicialmente as pessoas passam um período orando ajoelhadas, em seguida a mulher responsável pela direção do culto canta um ou dois louvores do hinário produzido pelo grupo, intitulado de Harpa Cristã. Posteriormente segue a leitura de um trecho bíblico seguido de oração em grupo pelos obreiros e ministério da denominação. Na sequência são ofertadas oportunidades para as demais componentes, onde desabafam sobre os seus problemas, falam sobre a família e as angústias da vida, sempre seguido de pedidos de oração, após esse período de oportunidades o texto bíblico lido anteriormente é explicado e em seguida todas as pessoas da reunião formam um círculo com as mãos dadas umas às outras, para fazerem as orações. Na sequência novos pedidos de oração são feitos, e uns oram pelos outros, são distribuídas oportunidades para realizarem as orações, finalizam com a oração de encerramento seguido da citação em coro de um texto bíblico, logo depois segue-se os cumprimentos e saudações entre os presentes na reunião.

O Círculo de Oração é um espaço de solidariedade e de fortalecimento das mulheres, que através de ensino e troca de experiências, fortalecem uma as outras, assim como ampliam as percepções acerca das relações, isso é evidenciado na fala de Celicleide que é dirigente, portanto, porta voz das mulheres dentro do grupo:

Porque o que a gente vê por ai nos meio cristão mesmo homens brutos, ignorantes que humilha sua esposa, que desfaz da sua esposa e esse homem não está dentro da palavra de Deus, e ai ele quer submissão da sua esposa, quando na verdade ele não faz. Você tem que dá o respeito para receber o respeito, você tem que dá amor para receber amor (CELICLEIDE PEREIRA, 14 abr. 2016).

Dentro desse espaço de atuação e fala existe um fortalecimento feminino de discussão do que é oficialmente divulgado pelo grupo, criando estratégias de subversão e questionamento da ordem vigente, mesmo que de forma sutil e sem enfrentamentos diretos. Sendo de fundamental importância esse espaço para as mulheres como discutido por Sara Ferreira (2008, p. 56).

Legitimando seu espaço não só na família, mas na sua comunidade de fé, essas mulheres encontram no Círculo um pacto de ajuda mútua, ajudando a expandir o Evangelho, orando uma pelas outras, chorando juntas pela conversão dos seus filhos ou maridos, elas na verdade estão negociando e reelaborando sua identidade feminina, pois seus valores, suas crenças, atitudes, representações que elas possuíam a respeito de si própria antes de pertencerem a essa Denominação, e

através dos quais se reconheciam e eram reconhecidas são substituídas, reacomodadas, reelaboradas, constituindo, portanto, a identidade dessas mulheres que foi construída a partir de sua experiência religiosa (FERREIRA, 2008. p. 56).

Deste modo o Círculo de Oração possibilita um espaço de desenvolvimento para as mulheres, em Santaluz elas desenvolvem o seu trabalho fora do espaço privado, aprimoram habilidades que refletem nas suas identidades, adquirem reconhecimentos, e se reelaboram a partir da sua experiência religiosa.

Portanto, o Círculo de Oração também é importante para a reelaboração identitária e segundo Machado o espaço religioso também redefine a subjetividade feminina, para ela:

A adesão a essa forma de religiosidade também provoca a redefinição da subjetividade feminina na medida em que o pentecostalismo estimula o processo de autonomização das mulheres diante dos seus maridos e filhos (MACHADO, 2005, p. 398).

Para que esse processo de autonomização aconteça, algumas negociações com o grupo são necessárias, é preciso se adequar a normatividade, para assumir um papel de destaque na denominação é preciso ter um perfil clássico de uma assembleiana, de uma mulher recatada e que preencha os pré-requisitos de obediência e submissão principalmente nos usos e costumes da igreja. Sendo um espaço de empoderamento feminino, assim como um lugar de opressão onde o corpo feminino é bastante vigiado.

Mesmo em um espaço de dominação as mulheres não são passivas diante das imposições, mas questionam a ordem vigente como discutido por Fonseca e Faria, quando dizem que é comum esperar o silêncio feminino nos espaços religiosos, porém essas imposições não são respeitadas “as mulheres não respeitaram estas injunções, seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, nos vilarejos, nas cidades, inflados por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião” (FONSECA e FARIAS, 2010, p.9) sendo o lugar e papel feminino questionado no grupo “A mulher é dirigente do Círculo de Oração, a mulher é dirigente de um trabalho muito bom, mas não cresce, porque mulher nesse ministério, mulher não tem vez, a verdade é essa” (CELICLEIDE PEREIRA, 14 abr.2016). Portanto é perceptível nessa fala feminina um questionamento das distribuições de papéis, também um reconhecimento da importância do papel

feminino e do Círculo de Oração e do lugar de submissão em que estão inseridas as mulheres no grupo assembleiano.

Segundo as mulheres entrevistadas o Círculo de Oração é um dos trabalhos mais importante desenvolvido na igreja:

O Círculo de oração eu entendo que ele é a coluna de todos os trabalhos que é desempenhado na igreja; o Círculo de oração é a coluna da família, é a coluna da igreja, porque tudo se apresenta na igreja, né? (CELICLEIDE PEREIRA, 14 abr. 2016)

O Círculo de Oração é um trabalho presidido por mulheres, acontece principalmente pela manhã na sede da igreja nas quintas-feiras uma vez por semana, na qual as mulheres se reúnem para orar umas pelas outras e compartilhar as suas experiências e dificuldades diárias, apresentam as dificuldades enfrentadas com os filhos e esposos, e as famílias da igreja, sendo um espaço para atuação feminina e também de empoderamento uma das outras. Deste modo, mesmo não ordenando pastora, mas tem um espaço “exclusivo” e que as segrega e aparentemente as afasta da disputa masculina.

2.3 Recatadas e do lar

O casamento dentro da denominação religiosa possui uma grande importância para os membros, além do seu significado social também é associado ao aspecto religioso de forma simbólica da comunhão de Cristo e a sua Noiva que é representada pela igreja.

Um dos papéis atribuídos à mulher no grupo pentecostal é o de esposa, mãe, com o conceito de auxiliadora, mantenedora do lar, responsável pelo sucesso ou infortúnio da casa “a mulher sábia edifica sua casa, mas a tola com as suas próprias mão derruba” (BIBLIA, 2009. p.655) sendo uma das passagens Bíblicas utilizadas pelo grupo referente a mulher, a outra é “vós mulheres sujeita-vos aos vossos marido como ao senhor, (BIBLIA, 2009, p.1155) onde é amplamente divulgada definindo teoricamente a posição da mulher dentro do grupo, reforçando a sujeição feminina em um aspecto sagrado.

O casamento é o espaço privado da estrutura familiar significando para as assembleianas lugar de status, também de poder, pois é controlado pelas mulheres ou assim que é idealizado pelo grupo assembleiano. Faz parte das atividades das esposas e mães o cuidado com a educação dos filhos e felicidade do lar.

O casamento significa para a mulher a possibilidade de gerir uma casa, não só enquanto espaço físico, mas também o sustento da casa (garantido idealmente pelo marido, mas administrado pela mulher), e os filhos (ALMEIDA, M V. 1995, p.182)

O casamento é lugar de reorganização para as mulheres, e segundo Ruth Carvalho, membra da Assembleia de Deus e viúva, em uma de suas falas a identidade feminina também está ligada ao seu papel de esposa e status “mulher de pastor não tem nome, é só mulher do pastor” (RUTH CARVALHO, 08 nov.2016), portanto, são mulheres que devido ao ministério dos seus esposos possui distinções dentro do grupo, perdendo a sua identidade individual, mas adquirindo uma agregação simbólica do poder exercido pelo seu esposo, com discurso que naturaliza o seu lugar e papel dentro do grupo.

Outra membra que possui o título de mulher de pastor quando questionada sobre as diferenças entre homens e mulheres na Assembleia de Deus, afirma não haver diferenças:

Não, a única diferença é com relação a ministério, porque não se unge na nossa igreja mulheres a pastora, mas com relação as atividades eu não vejo nenhuma diferença. (LUZENILDA CARNEIRO, 22 jun.2015)

Luzenilda é uma missionária, dirigente de Círculo de Oração e esposa de pastor, na sua fala é que não existe distinção entre os homens e as mulheres e, que sente-se representada pelo título e posição do seu esposo, porém os discursos divergem com a outra depoente que possui um papel de destaque maior do que o do seu cônjuge dentro da denominação, e questiona a regra sobre a consagração e ministério feminino:

E, tem um pouco porque tem né, eles se apegam muito na Bíblia que a mulher tem que ser submissa ao homem a Bíblia fala, e a gente não podemos ir de encontro à palavra de Deus, mas eu acho que a mulher era pra ser mais considerada sim, porque ela tem um desempenho bom sim, e se brincar ela desempenha, trabalha muito melhor até que certos homens. (CELICLEIDE PEREIRA, 14 abr.2016).

É perceptível na fala feminina o questionar das regras, sendo isso considerado subversão mesmo que as mulheres que questionem a ordem não tenham consciência disso, as ideias dentro do grupo não são homogêneas, pois há aquelas que consideram um desrespeito o pouco espaço e destaque que são atribuídos as mulheres, porém já possui um discurso internalizado do que é idealizado pelo grupo.

A conduta idealizada pela denominação busca pela normatização e representação do ideal feminino, com ocupações dentro do espaço privado e do lar, o corpo dentro do espaço assembleiano é bastante vigiado. Segundo Clari Couto (2001) o controle é feito pelos próprios membros, sendo o casamento uma forma de controle e normatividade estabelecida pelo grupo a fim de manter a sua estrutura.

2.4 A “cabeça”? Homens assembleianos

A Assembleia de Deus tem uma base patriarcal predominante, ou seja, a sua liderança é composta apenas por homens, que considerados como “cabeça” os seres pensantes que tomam a maioria das decisões e possui os mais altos cargos dentro da estrutura hierárquica que a denominação possui. A figura do sagrado é representada pelo masculino “Cristo é a cabeça da Igreja, assim como o homem é a cabeça do lar” (BIBLIA, 2009, p.1155). Com uma vinculação dos símbolos de poder ao masculino, como discutido por Mary Del Priore, com um modelo que se segue desde os tempos coloniais.

[...] a família constituía, pelo menos na aparência, uma entidade organizada e incumbida de certo número de funções sociais. Aos homens era conferido o papel de provedor, o que lhe assegurava, pela lei da Igreja e do direito natural, a posição de “cabeça do casal”. (PRIORI, p.161, 2013)

O patriarcado é uma forma de organização baseada no controle do homem sobre a mulher nas suas relações e segundo Narvaz:

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A

supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas. (NARVAZ, 2006 p.50)

Sendo assim, o patriarcalismo delimita uma categoria social em sua normatividade, sendo o uso do seu termo discutido amplamente na atualidade, pois é necessário repensar a reconfiguração do seu termo, através do conceito de patriarcado moderno que segundo Narvaz alterou sua configuração, mas manteve o pensamento tradicional. O espaço religioso configura esse patriarcado e legitima a dominação masculina e as divisões de papéis, com uma valorização maior dos papéis masculinos.

Assembleia de Deus possui uma estrutura hierárquica organizada e com distribuição de lugares e funções a homens da denominação, teoricamente onde todos podem ascender dentro do grupo, assumindo postos de lideranças mais altos.

Dentro da hierarquia a figura com maior autoridade é o pastor e para alcançar essa posição é necessário passar por diversas etapas: o auxiliar é a fase inicial da hierarquia o seu trabalho consiste basicamente nos trabalhos de base e auxílio aos irmãos durante os cultos: diáconos geralmente são porteiros e ajudam o presbítero; o presbítero possui também uma função de pastorado podendo ser responsável por uma congregação ou núcleo, mesmo sendo subordinado ao pastor possui uma função similar; o missionário é fase de transição para a consagração ao pastorado, podendo substituir o pastor durante a sua ausência. E dentro do grupo assembleiano essas funções só podem ser realizadas por homens, as mulheres estão excluídas dessas funções.

O ministério da igreja é composto por homens que segundo os princípios bíblicos explicitados nas doutrinas da igreja devem ser casados:

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?) (BIBLIA, 2009, p.1171).

O casamento também normatiza as relações masculinas, tendo também restrições e estabelecendo modelo para ser seguido pelos homens do grupo, porém

lhe garantindo o lugar de poder; e pouquíssimos são os que participam do ministério sendo ainda solteiros, nos discursos presentes nos cultos e reuniões, esse papel masculino é colocado em evidência, e reforçado o lugar social masculino como a cabeça da mulher e do lar:

Miguel deu explicação à igreja porque o seu filho Ademário (quer) queria comprar outra televisão, o pastor respondeu, disse que quem manda no lar é o esposo o filho tem regalia com certos limites (LIVROS DE ATAS, 02 jun.1993)

É possível notar a definição do papel do homem dentro do lar, sendo perceptível a legitimidade religiosa para definir o posicionamento masculino compartilhado com o grupo, pois o membro não só deu explicação de situações que ocorreram dentro da sua casa, como também é subordinado a figura do pastor. Segundo a normatização da denominação o papel masculino deve ser de provedor, protetor e guia da casa (família), tendo a mulher como submissa e auxiliadora, com um modelo normatizador de família e papéis definidos para os membros dela.

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível — na prática e de forma consistente e inalterada — por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial. (ALMEIDA, M. V, 1995 p.3)

A masculinidade assembleiana difere-se em alguns aspectos da sociedade em geral, pois os sistemas de valores são distintos e são usados pra agrupar os indivíduos dentro dos espaços religiosos, sendo os aspectos refletidos na sexualidade, e comportamento social mais contido e reservado. Contudo, dentro do sistema social e religioso ele não é estático, visto que são inúmeras as especificidades do ser homem, sendo possível perceber elementos da cultura e masculinidade nordestina, com o poder centralizado na figura do macho.

A construção identitária dos machos assembleianos sofreram influências da cultura pertencente, ou seja, a nordestina, com o patriarcalismo evidente, sendo atribuídos papéis específicos que definem a forma de ser macho, porém com diferenças notórias em relação à moralização e os espaços permitidos para os homens assembleianos, sendo o controle do corpo e a vigilância perpassada por

todos membros e “membras”¹⁰ integrantes do grupo, com uma intolerância um pouco maior para os desvios femininos. Os homens da denominação também estão sujeitos às sanções penalizadoras e doutrinárias da denominação, segundo registro em ata:

O diácono Miguel trouxe problema do irmão Raimundo B. o qual o diácono Carlos S por morar perto do acusado nos explica que o mesmo se encontra envolvido com mulheres solteiras, o irmão Miguel concluiu o assunto ficando na obrigação de ir falar com o irmão Raimundo. Houve denuncia de que alguns irmãos compraram bingo e o pastor anotou os nomes dos supostos infratores para ser apurados. (LIVRO DE ATAS, 05 jul.1993)

Observa se que o controle do corpo também perpassa pelo masculino, porém as repercussões dentro do grupo são mais tranquilas do que em relação aos desvios femininos.

Na construção da masculinidade no pentecostalismo os homens precisam assumir papéis e específicos e que são cobrados pelo grupo. Como discutido por Simões (2007, p.15) a masculinidade também é forjada dentro dos espaços, e normatizada por determinada sociedade, e esperado que cada um cumpra o seu papel. Sendo, portanto esperado pelo grupo assembleiano que os homens assumam sempre o papel de liderança com uma atuação mais constante, com um modelo de comportamento idealizado pelo grupo.

Nas reuniões de membros quem fala por todos são os homens, para fazerem as orações ou ministrarem o ensinamento:

Foi dada a oportunidade ao diácono Miguel e ao presbítero José costa que expressassem a sua alegria dando uma boa palavra para a igreja. Dando prosseguimento o pastor recapitulou o trecho lido alertando a igreja. [...] a oração foi feita pelo presbítero José Costa (LIVRO DE ATAS, 14 mar. 1983).

Esse modelo de culto em que apenas os homens falam é frequente em quase todas as reuniões, mesmo que sejam ditos que é com a participação de todos os membros, somente homens que fazem parte da hierarquia utilizam-se do espaço para transmitirem ensinamentos. As mulheres participam das reuniões

¹⁰ Termo membra não é legitimado pela língua portuguesa, porém será utilizado como opção da autora.

principalmente como ouvintes, a sua fala só é permitida para pedidos de perdão ou denúncia de algum delito cometido por algum membro do grupo.

O poder simbólico atravessa as relações entre o masculino e o feminino, através dos símbolos que são desenvolvidos pelos grupos e relacionados às vivências e reafirmados nos espaços religiosos, sendo alguns aspectos das relações ganhando significados espirituais como a figura de Jesus e Deus serem representadas pelo masculino, e segundo Simões (2009, p.13) baseado nas perspectivas teóricas “O gênero, assim como raça e classe social, passa a ser visto como um dos mecanismos centrais através do qual o poder e os recursos materiais são distribuídos na sociedade, modelando o significado da vida dos indivíduos” estando presentes nos mais variados discursos religiosos, como divulgado pela revista trimestral da denominação:

O senhorio do esposo sobre a esposa não é o mesmo de senhor e escravo, mas baseia-se na autoridade que lhe é própria. O marido deve amar a esposa, como ama a si mesmo. O modelo desse amor é Cristo que amou de tal forma a sua esposa que deu a sua vida por ela. (Revista EBD 30 de junho de 1991, lição 13).

Deste modo, o ensino transmitido pelo grupo associa-se diretamente o ser masculino com os símbolos sagrados conferindo-lhes uma autoridade legitimada, baseada no modelo ideal que é Cristo, segundo Bourdieu (2014, p.22) “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”, sendo a dominação e o papel desempenhado pelos homens como naturalmente constituído.

Na construção da masculinidade a indumentária faz parte da construção identitária e moralidade, seguindo um modelo de trajes masculinos no Século XIX utilizados pelos europeus do uso de paletó, calças e camisas que segundo Raspanti (2013, p.212) havia uma lei que obrigava os cidadãos a usar paletó e sapatos para circular pela região central da cidade, sendo usada para legitimar um lugar social e diferenciar-se de outros membros, essa prática ainda é seguida pela denominação:

O pastor orientou que os obreiros deve se trajar com dignidade, não deve estar pregando sem gravata, de sandália havaiana, também não podem tirar o sapato em plena pregação ou reuniões, nem deve tirar as meias dos pés ou o palito durante as reuniões, pois é muito

feito para o obreiro e o mesmo fica desclassificado (LIVRO DE ATAS, 31 mar. 1990).

A aparência e os usos e costumes do grupo, visam uma diferenciação, mas também reforçam a ideia de sobriedade e seriedade conferida pelos trajes aos membros, essas cobranças ocorrem principalmente aos homens pertencentes à hierarquia, ou com desejo de pertencer à ordem, a padronização de roupas possui uma demarcação social de pertencimento e comprometimento com o grupo.

O modelo definido pelo grupo preocupa-se com as relações sociais, mas também com as relações conjugais, sendo as sanções disciplinares abrangentes em relação aos problemas domésticos:

O pastor José Almeida e os presbíteros resolveu suspender o diácono João Batista das suas funções e da comunhão por João Batista ser encontrado em mentiras e brigado com a esposa (LIVRO DE ATAS, 26 out.1991).

Desse modo, as sanções disciplinares ocorriam desde a perda do espaço na hierarquia, que é o caso da perda do título de diácono, como também a comunhão e participação no grupo. As penalizações foram decididas pelo pastor e pelos homens que ocupam o ministério da igreja, sendo essas decisões exclusivas desses detentores de poder, que se estendiam até nas relações conjugais, tomando as decisões pelo restante do grupo em suas reuniões de ministério, ficando a informação e discussão com os demais integrantes do grupo inclusive as mulheres.

Continuando ele disse que soube que o jovem Robson estava jogando num time de futebol do posto onde trabalha o diácono irmão Ismael ficou de conversar com Robson e depois justificar ao pastor. O diácono Ismael pediu que os componentes do conjunto usassem pelo menos camisa de manga comprida, pois é decente um grupo de várias pessoas uniformizadas (LIVRO DE ATAS, 10 maio. 1993).

Algumas das proibições que alcançam todos os membros da denominação são em relação à vestimenta, a participação em atividades que não fazem parte da igreja, como bingos, outras festas, jogos e atividades recreativas com música secular, bebidas alcoólicas e cigarros. Em ênfase, nos discursos assembleianos é a separação do mundo, que é provada com o afastamento de atividades de cunho secular.

A vigilância entre membros é constante e são relatados até sobre a vida conjugal e cotidiana, pois os membros precisam prestar conta uns aos outros de suas atitudes, sendo essa prática entendida pelo grupo como cuidar uns dos outros da salvação dos “irmãos”. As proibições causam tensões entre os membros. Através das suas práticas e resistências algumas proibições vêm mudando ao longo dos anos, sendo abertos alguns precedentes para atividades recreativas, nos usos e costumes. As proibições e punições não atingem todos os membros no mesmo nível, elas são muito mais maleáveis para os homens do grupo, principalmente por ocuparem a hierarquia religiosa, que cria as normas e as executas.

2.5 O “Poder” pentecostal

O poder está presente nos sistemas simbólicos, distribuído nas diferentes relações, e segundo Bourdieu ele é exercido com a conivência dos sujeitos que o ignoram ou mesmo que o exercem. As formas de poder estão além do instituído, e se mantem porque são reproduzidos. Dentro do espaço assembleiano o poder simbólico instituído é exercido por homens detentores de carisma, pertencentes à hierarquia, sendo legítimo o exercício do seu poder. Outra forma de poder não instituída e o poder feminino, que mesmo de forma diferente do poder exercido pelos homens, constitui-se como poder.

As formas de poder manifestas nas relações são diferente entre si, e na forma em que incidem sobre os indivíduos, segundo Foucault:

No fundo em qualquer sociedade existem relações de poder múltiplos que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (FOUCAULT 1979 p.26).

Para Foucault a permanência e difusão dessas formas de poder acontece através do discurso, sendo difuso em toda estrutura social em diferentes formas, porém acontece um enfrentamento desse poder como discutido por Alice Alcântara Costa (1998), em que existe um poder feminino, porém de forma desigual, mas ainda assim um poder.

No exercício de poder, algumas sanções penalizantes são permitidas dentro do grupo. Sendo os desvios da normatividade punidos com disciplinas, que, vão de afastamentos das reuniões e cargos por um período determinado de tempo, até exclusão

do grupo, os desvios mostram uma subversão às imposições do grupo e formas de resistências, nos registros de atas é possível observar alguns desvios e retornos para o grupo:

Na parte da reconciliação foi permitida a oportunidade a jovem Joelma que pediu perdão e a igreja perdoou voltando a comunhão. Também a irmã Leonlina Santos pediu perdão por haver afastado da igreja, também a igreja perdoou voltando a comunhão (LIVRO DE ATAS 02 abr. 1984).

Deste modo, o pedido de perdão para o retorno a comunhão é um dos pré-requisitos para o retorno das atividades, sendo os membros detentores de poder de decisão sobre o retorno dos membros afastados ao grupo.

As disciplinas aplicadas pelo grupo acontecem por variados motivos, desde a desobediência aos usos e costumes, como também por afastamento, e desvios das normas sobre sexualidade, os desvios nem sempre aparecem registrados nas atas, principalmente por ser um dos assuntos considerados tabu.

As relações são negociáveis dentro do grupo As relações entre os membros possui uma normatização idealizada para a sociedade, uma submissão feminina e uma atuação masculina evidente em comandar o lar, como discutido por Bourdieu em relação a dominação masculina, e o binarismo dos gêneros.

As mulheres enquanto sujeitos históricos possuem suas vivências de maneira distintas das que muitas vezes é esperado e reformulam os ser masculino e feminino. E que as mulheres encontram na falsa submissão, na resistência velada formas de subversão da matriz de inteligibilidade religiosa, conseqüentemente, galgando novos espaços e novas formas de poder no interior do espaço religioso (GOUVEIA NETO, p.95, 2016).

As disputas internas ou enfrentamentos de poderes no grupo religioso ocorrem de forma bastante subjetiva, pois os enfrentamentos e subversão nem sempre acontece de forma consciente ou diretamente. Dentro do espaço de fala com uma hierarquia instituída e legitimada pelo discurso, as insubordinações e questionamentos a ordem vigente estão presentes no cotidiano do grupo, por mulheres que questionam e defendem o seu ponto de vista, no Livro de ata vemos uma membra do grupo em seu pedido de perdão:

Em seguida foi ouvida a irmã Idália Costa que se humilhou e pediu perdão ao pastor por ter lhe ofendido por palavras, como também ao ministério e o ministério a perdoou, restando a irmã pedi perdão no culto de membros retornando a comunhão da igreja (LIVRO DE ATAS, 31 ago. 1988)

Esse pedido de perdão aconteceu em uma reunião do ministério, sendo assim é possível destacar a presença feminina na reunião em caso excepcional e a necessidade de pedido de perdão para todo ministério inclusive o pastor, sendo um fato de destaque na denominação, pois ainda foi requerida da fiel um pedido de perdão a membresia completa da denominação, sendo necessário destacar que não havia uma passividade feminina, mas atuavam e discutiam com as autoridades instituídas e legitimadas. O pedido de perdão ao pastor também perpassa pela manifestação do poder simbólico no qual o sujeito possui internamente a disposição em admirar e respeitar a sua liderança e poder instituído.

Os conflitos não ocorriam apenas entre mulheres e homens, mas entre os seus pares também, sendo, a vigilância entre os membros um mecanismo de manutenção da coesão do grupo.

Em continuação o pastor deu-nos uma explicação sobre alguns assuntos referentes aos irmãos João Batista e Miguel que por motivo de desobedecerem as doutrinas da igreja chegando até escrever uma carta anônima dirigida ao pastor Manoel Fernando da cidade de Valente-BA , após discutirmos o assunto o pastor suspendeu o diaconato de Miguel ficando apenas como membro da igreja, e também o cargo de secretário do irmão Joao Batista (LIVRO DE ATAS, 21 nov.1988).

Os conflitos estavam presentes nas relações, pois não havia passividade nos sujeitos, em um registro de insubmissão feminina por uma fiel:

A irmã Rita quando soube que estava disciplinada por tempo indeterminado voltou da porta da igreja e se trajou se batom, argola e propositadamente foi a casa do pastor se amostrar e foi a outras ruas da cidade, passou uma semana sem dar a paz depois voltou a pedir misericórdia, todos esses assuntos foi levado ao ministério que aprovou a sua exclusão. (LIVRO DE ATAS, 12 mar. 1995).

A fiel faz um enfrentamento direto e uma decisão pastoral, se colocando enquanto sujeito como questionadora e subversiva, marcando o seu corpo como texto provocatório e individual, pois mesmo depois do seu pedido de perdão, o sua insatisfação e discordância das medidas disciplinares permanece latente e em discussão no grupo. A mesma fiel aparece mais algumas vezes nos livros de Atas, sendo disciplinada e depois retornando ao grupo.

Em outra situação outra fiel questiona o pastor sobre a participação feminina, enfrentando-o diretamente, criticando desempenhos no grupo, buscando mais visibilidade pessoal e espaço para atuação e fala. O confronto da autoridade pastoral reflete uma manifestação de insatisfação e discordância nas disciplinas aplicadas.

O Pastor perguntou por que ela procurou o irmão Miguel para falar da sua pessoa? O que ele tinha feito com ela? - a irmã Anita disse que ficou

enraivecida porque ele não atendeu eles na reunião. O pastor respondeu que não tinha marcado reunião com eles, e que foi eles que marcaram a reunião por conta própria e que não aceita esse tipo de reunião. Ela disse que o bilhete que tinha mandado pra tribuna fazia menção da reunião. O pastor respondeu que apesar do bilhete ter o nome dele no início do conteúdo não foi dirigido a ele e sim ao dirigente do culto e que o bilhete parecia mais uma ordem dada por ela de que pedido. Falou ainda que ao terminar o culto falou com ela e com alguns do conjunto, porém ninguém lhe pediu reunião. Ela disse que mandou dois recados pelo diácono Miguel. O pastor respondeu que o diácono Miguel disse a ele que ela o esperava e não que mandava chamar. Exortando-a que não é assim que o Pastor deve ser tratado [...] (LIVRO DE ATAS, 08 out. 1993).

Esse conflito evidencia um confronto de uma fiel direcionado ao pastor, sendo direto, ignorando a sua autoridade, sendo causado por críticas da fiel ao conjunto de jovens e questionamento sobre a postura do pastor, sendo sentida pelo pastor, a qual cobra ou ressalta o seu lugar de autoridade, para tanto foi feita uma reunião extraordinária para tratar do assunto em outro espaço, sendo realizada no salão da escola de propriedade da fiel Anita Lopes. Sendo destacados na reunião outros aspectos conflituosos.

A irmã Anita falou que estava sendo pisada na igreja e por esse motivo não ia mais a certos cultos. O pastor perguntou que estava pisando, ela respondeu ela que só tinha oportunidade para cantar no conjunto e depois os dirigentes não davam mais oportunidade para ela cantar e pregar, que em vez de dar oportunidade a uma pessoa esclarecida dava as outras pessoas sem esclarecimentos e que os visitantes não aceitava isso (LIVRO DE ATAS, 08 out. 1993).

Na reunião extraordinária a membra disputa o lugar de poder e autoridade, pois questiona diretamente a falta de oportunidades de fala, por se tratar de uma pessoa poder aquisitivo maior é importante ressaltar que a também uma questão de classe pois a mesma considera-se detentora de um conhecimento a mais devido a sua condição de dona de uma instituição escolar, sendo os leigos questionados pelas suas oportunidades de fala.

Considerações finais

O presente trabalho teve como pretensão analisar as relações tecidas entre homens e mulheres dentro do espaço religioso pentecostal, um espaço de

construção das relações que, por ser normatizador da sociedade, influencia e é influenciado por ela. Os espaços de atuação tanto masculina quanto feminina, e os seus valores são perpetuados pelos seus membros e “membras” são desiguais no que concerne as suas atividades e funções dentro do grupo.

A Assembleia de Deus teve um crescimento numérico bastante expressivo e está em constante movimento dos indivíduos, tecendo redes de relações e sociabilidades entre si. A denominação é de base patriarcal, porém visto pela perspectiva de um patriarcado contemporâneo, em que seu aspecto mudou, mas permanece nas formas de pensar e nas distribuições de papéis e responsabilidades, trazendo assim novas possibilidades e relações dentro do grupo, como atividades para as mulheres que denotam uma autoridade, porém sempre limitada pela sua condição feminina e com um forte conservadorismo atrelado aos seus usos e costumes.

A liderança no grupo religioso é masculina, com atuação através do ministério da denominação, e para as mulheres uma atuação nas atividades basilares, mas não menos importante, com destaque maior e lugar de atuação e poder o Círculo de Oração. O Círculo de Oração é um espaço diferenciado que permite uma autonomização feminina mais ampla, e uma autoridade simbólica evidenciada e respeitada pelos demais fiéis.

As relações não ocorrem de modo idealizado, mas permeadas de conflitos e disputas. Observo que as atuações das mulheres não são passivas, o que não implica necessariamente um empoderamento, mas uma posição diante das imposições doutrinárias religiosas, negociando e transformando o espaço e as regras assembleianas.

LISTA DE FONTES

Fontes orais:

Cícero Pereira da Silva. *Entrevista concedida nos dias 12/10/2014, 23/12/2014, 14/01/2015.*

Celicleide Pereira da Silva. *Entrevista concedida no dia 14/04/2016.*

Gessira da Silva Costa. *Entrevista concedida no dia 22/04/2016.*

Nelci Lima da Cruz. *Entrevista concedida no dia 31/05/2015.*

Luzenilda Araújo Oliveira. *Entrevista concedida no dia 22/06/2016.*

Nervolange Moreira de Matos Cunha. *Entrevista concedida no dia 14/04/2016.*

Paulo Santos Cunha. *Entrevista concedida no dia 04/07/2016.*

Fontes escritas:

Livros de Atas da reunião de membros (1983-2000).

Livro de Atas da reunião de ministério (1983-2000).

Lista de membros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo. Arte Editorial, 2010

ALMEIDA, Joziara Araújo. **O caminho da fé: A formação de redes de sociabilidade entre os membros da Assembleia de Deus no povoado de Santa Rosa (1992-2012)**. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) - UNEB. 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal**. Anuário Antropológico 1995, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.169-189, 1996.

BANDINI, Claudirene A. **Transformações das identidades femininas no campo religioso pentecostal**. São Paulo, REVER, 2005.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 8 ed. p.248, 1985.

BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. 4.ed. Sociedade Bíblica do Brasil, [s.l.], 2009.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história: perspectivas atuais**. IN BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: brasiliense, 1989, 15ed.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2011.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

_____. Poder simbólico. **Sobre o poder simbólico**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2007.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier**. Diálogos, DH/PPH/UEN, v.9, n.1, p.143-165, 2005.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro CPAD. 1982.

COUTO, Clari. **Orar e vigiar:** o poder disciplinar da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité 1970 a1990. Dissertação (Mestrado) -UEFS. 2001.

COSTA, Ana Alice Alcantara. As donas no poder: mulher e política na Bahia, “in”_____ **A construção do pensamento feminista sobre o “não-poder” das mulheres.**1998, 248 f. Dissertação, NEIM/UFBA, Salvador, 1998.

CRUZ. Nelci Lima Da. **Memórias históricas de Santa Luz.** 1ªed.1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992-(tópicos).

FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. **O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana (1949 - 1980),** 2008. Monografia - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 10 ed. São Paulo: Edição Loyola, 2004.

FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. **Relações de gênero e cultura religiosa:** um estudo comparado sobre a atuação feminina na igreja evangélica luterana do Brasil e Assembleia de Deus. Revista de história comparada, Rio de Janeiro. p.6-41. 2010.

FREITAS. Daiane da Silva. **A construção da identidade dos Assembleianos.** Trabalho de conclusão de curso (graduação) UNEB, Conceição do Coité.2010.

FILISBINO, Fabricio. **A construção da identidade no pentecostalismo da Assembleia de Deus a partir do conceito de subjetividade no pensamento de Michel Foucault.** In: II Simpósio internacional da ABHR, História, gênero e religião: violências e direitos humanos. Anais... Florianópolis. 2016.

GOMES, José Ozean. **Pentecostalismo e relações de gênero:** Uma discussão convencional acerca do ministério feminino nas Assembleias de Deus brasileiras. Mandrágora. V.21. n.21, p. 135-152 , 2015.

GOUVEIA NETO, Ana Luiza. **Mulheres na Assembleia de Deus:** Para se pensar a categoria de gênero além do estruturalismo. Numem, Juiz de Fora, v.18, n.2, p.90-106.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades e modo de ser homem na Universal do Reino de Deus: Um caso midiático.** In: Apresentado no II simpósio Nordeste da ABHR: Gênero e diversidade: Diversidade e (in) tolerâncias nas mídias. Recife, 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais.** Estudos Feministas, Florianópolis 13(2): 256, maio-agosto, 2005. p. 387-396.

MATOS, Maria Izilda Santos de Matos. **História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas.** Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p.5-15.

MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. **Revisando o conceito de carisma: Líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação a performance.** Revista Tododia, n 2, 2011, p.42-55.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re) introduzindo a história oral no Brasil.** USP, 1996.

MONTES, Maria Lucia. Um campo em transformação. In._____. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira.**1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NARVAZ, Martha Giuduce; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.** Psicologia e sociedade. n.18, p. 49-55, jan-abr. 2006.

NUNES, Maria José Rosado. As complexas relações entre religião e gênero. In: ROSADO, Maria José (Org). **Gênero feminismo e religião: Sobre um campo em constituição.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil.-** São Paulo: Mundo cristão, 2004.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de Oliveira. **A indumentária e os usos e costumes defendidos pela igreja Assembleia de Deus (1975-1999)** ANPUH, Natal, 22ª 26 de julho 2013.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos homens no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ROIZ, Diogo da Silva; Fonseca, André Dioneu. **A representação da igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2004**. Revista de História das Religiões. ANPUH, ano II, n.4, maio. 2009.

SAFFIOTI, Helióth. **O poder do macho**. São Paulo: moderna, 1987.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spinola Silveira Truzzi. A leitura crítica do documento. "In:" _____. **História & documento e metodologia de pesquisa**. – 2. ED.- Belo Horizonte; Autentica Editora, 2010.

SCAVONE, Lucila. **Religiões, Gênero e Feminismo**. Revista de Estudos da Religião, dez 2008. disponível em: < www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf >. Acesso em: 07 jul.2017

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press, 1989.

SENA, Miraldo e Rildo SANTOS. **Assembleia de Deus em Santa Luz**. 1996.

SILVA, Igor José Trabuco da. **Meu reino não é deste mundo – a Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990)**. Mestrado em história. UFBA 2009(Dissertação de Mestrado).

SILVA, Ailton, José. **A ideia de poder em Foucault: O estado e a arte de governar**. São João del-Rei, Metávoia, n.12, p.19-37, 2010).

SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os homens da princesa do sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1938)**, 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA, Salvador, 2007.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. 1998. 424 f. tese (doutoranda em história) – Faculdade de filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. **Cura e terapia: Experiência religiosa de mulheres pentecostais**. - Salvador, EDUNEB, 2012.

TARDUCCI, Mónica. **“O Senhor nos libertou”**: gênero, família e fundamentalismo. Cadernos Pagu, n.3,1994,pp.143-163.

THOMPSON, Paul. 1992. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero**: Onde o masculino e o feminino se cruzam. Cadernos Pagu, n.24, São Paulo, Janeiro-junho, 2005, pp.127-152.

VALLA, Victor Vincent. **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DPCA, 2001.

VERENA, Alberti. Fontes orais: Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006. P. 156-202.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

WOODHEAD, Linda. **Mulheres e gênero**: uma estrutura teórica. Tradução Deborah Pereira. Revista de Estudos da Religião, n.1, p. 1-11. 2002.